



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

LEDILEIA PEREIRA DA SILVA

O MULATO DE ALUÍSIO AZEVEDO: Uma análise temática social

Itaituba – Pará

2018

LEDILEIA PEREIRA DA SILVA

O MULATO DE ALUÍSIO AZEVEDO: Uma análise temática social

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Itaituba – FAI, para obtenção do título de Licenciada Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Especialista Maria Danielle Lobato Paes.

Itaituba – Pará

2018

LEDILEIA PEREIRA DA SILVA

O MULATO DE ALUÍSIO AZEVEDO: Uma análise temática social

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Itaituba – FAI, para obtenção do título de Licenciada Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Especialista Maria Danielle Lobato Paes.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Prof.^a Mara Aparecida Pereira Nascimento, Especialista.

Orientadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Maria Danielle Lobato Paes. Especialista

Avaliadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Dr^a Djalмира de Sá Almeida

Resultado: _____ Média: _____

Data: 10 de março de 2018

Dedico este trabalho, a minha mãe Aldenora Pereira da Silva, meu porto seguro, aos meus irmãos e irmãs, ao meu esposo Gilmar da Silva Lopes, pessoas que sempre estão ao meu lado, apoiando-me e incentivando-me nos estudos e nos momentos difíceis. Dedico Também em especial aos meus filhos: Nalanda, Luis e Elias, bênçãos do Senhor na minha vida. Enfim, dedico a todos que sempre estiveram ao meu lado colaborando de alguma forma para os meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Ver este trabalho concluído é motivo de grande satisfação para mim e para muitos que me acompanharam nesta difícil tarefa. Foram tantas as pessoas que estiveram envolvidas, direta e indiretamente em minha vida estudantil e neste trabalho, que por mais que me esforce, jamais conseguirei agradecer da forma que eles merecem, terei sempre uma dívida de gratidão enorme com todos eles! Alguns até sem o saber.

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me concebido sabedoria e discernimento para a realização deste trabalho. Agradeço também a minha mãe, Aldenora Pereira da Silva, minha heroína, pois sempre esteve ao meu lado apoiando-me, dando-me forças para sempre seguir em frente com os meus estudos e aos meus irmãos Antonio, Antonia, Josimar, Atenádia, Agamenon, José Filho (in memória) e Leidilene que desfrutaram comigo momentos marcantes na minha vida e a todos os meus sobrinhos.

Agradeço a Gilmar da Silva Lopes, esposo, companheiro e amigo que sempre me incentivou dando-me suporte emocional, financeiro e familiar durante a minha trajetória acadêmica.

Agradeço também aos professores e professoras que passaram pela minha vida estudantil desde o início, os quais, cada um com suas especificidades, foram importantes para minha formação, em especial a professora Maria Danielle pela paciência e profissionalismo colaborando bastante com o meu aprendizado nesta fase que é tão importante para a minha formação, conclusão do curso e qualificação como futura profissional da área.

Agradeço a professora Mara Aparecida pelas preciosas orientações que foram de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho, como também a todos os meus professores do curso de Letras da Fai por dividir comigo seus magníficos conhecimentos.

Sou grata também aos meus colegas de sala que de algum modo me deram apoio para sempre prosseguir durante todo esse processo tão importante da vida.

Enfim, sou grata a todos que sempre estiveram ao meu lado, apoiando-me e incentivando-me para prosseguir com os meus estudos.

Obrigada a todos vocês!

*“O segredo da felicidade está em
olhar todas as maravilhas do mundo e nunca
se esquecer da sua missão ou do seu
objetivo”*

Paulo Coelho

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de apresentar uma “Análise temática da obra O Mulato de Aluísio Azevedo”, pois este livro foi escrito, trazendo uma realidade histórica da sociedade para a Literatura, tendo como discussão central a questão do racismo no final do século XIX. O tema será discutido através de algumas reflexões do romance “O Mulato” de Aluísio Azevedo, publicado em 1881, sendo que seu enredo gira em torno da história do mulato Raimundo, filho de português e de escrava. Tendo estudado desde a infância na Europa decide voltar à cidade de São Luís para vender as coisas do falecido pai. Nesse período, ele se apaixona pela prima Ana Rosa, porém não é aceito que se casem, pois ele possuía traços mestiços e ela era uma moça branca, e a sociedade discriminava isto. Deste modo, será observado e discutido como Azevedo se colocou diante da questão analisada, procurando enfatizar possíveis aproximações lançadas pelo autor e por teorias literárias que servirão de base e fundamentação para esta pesquisa. Nesta será discutida, no primeiro capítulo, a conexão entre literatura e história, o romance histórico no Brasil, e características do realista-naturalista. No segundo, será mostrado um pouco do autor, infância e adolescência, a cidade de São Luís na década de 1880 e a situação dos escravos na mesma cidade após 1871. Abordará, no terceiro capítulo, um resumo da narração, o espaço do Mulato na obra, e por fim, evidências históricas e literárias em O Mulato. Para tanto, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, através da qual foi possível realizar-se uma análise crítica com enfoque na questão racial abordada no livro, e concluiu-se apontando a importância literária e social que o mesmo traz à Literatura Brasileira.

Palavras-chaves: Escravidão. História. Literatura. Preconceito. Mulato.

ABSTRACT

The present work aims to present a "Literary analysis of the work *The Mulatto* of Aluísio Azevedo", because this book was written, bringing a historical reality of society to literature, having as central discussion the question of racism at the end of the century, that will be discussed through some reflections of the novel "The Mulatto" of Aluísio Azevedo, published in 1881, and its plot revolves around the story of the mulatto Raimundo, son of Portuguese and slave, and having studied since childhood in Europe decides to return to the city of San Luis to sell the things of the deceased father, in this period he falls in love with the cousin Ana Rosa, but it is not accepted that they marry, since he had mestizo traits and she was a white girl, and the society discriminated against it. In this way, it will be observed and discussed how Azevedo put himself before the analyzed question, trying to emphasize possible approximations launched by the author and by the literary theories that will be the basis and foundation for this research. In this will be discussed in the first chapter the connection between literature and history; the historical novel in Brazil; and characteristics of the realist-naturalist. In the second will be shown a little of the author, childhood and adolescence; the city of São Luís in the 1880s and the situation of the slaves in the same city after 1871. It will address in the third chapter a summary of the narration; the space of the Mulatto in the work; and finally historical and literary evidence in *O Mulato*. To do so, he used as a methodology the bibliographic research, through which it was possible to carry out a critical analysis with a focus on the racial issue addressed in the book, and concluded by pointing out the literary and social importance that the Brazilian literature brings.

Keywords: Slavery. History. Literature. Preconception. Mulatto.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 O MULATO: LITERATURA OU EVIDÊNCIA HISTÓRICA?	11
2.1.1 A Conexão entre Literatura e História	13
2.1.2 As Interfaces do Romance Histórico no Brasil.....	15
2.2.3 Características do Romance Realista-naturalista	17
2.2 UM TESTEMUNHO HISTÓRICO	21
2.2.1 Aluísio de Azevedo na Infância e na Adolescência.....	23
2.2.2 Aluísio de Azevedo e a Cidade de São Luís na década de 1880	26
2.2.3 A Situação dos Escravos na cidade de São Luís do Maranhão, após 1871..	28
3 METODOLOGIA	30
3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA.....	30
3.2 COLETA DE DADOS	30
4 RESULTADO DA PESQUISA	32
4.1 O DISCURSO RACIAL E HISTÓRICO “EM O MULATO”	32
4.1.1 Um Breve Resumo da Obra “O Mulato”	33
4.1.2 O Espaço do Mulato na Obra	36
4.1.3 Evidências Históricas e Literárias em “O Mulato”	39
5 CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, as questões raciais têm-se colocado como o divisor das sociedades desde muito tempo, pois envolve a população negra que pertence à classe menos favorecida no país. Este trabalho é um estudo acerca do racismo por meio da obra “O Mulato” de Aluísio Azevedo, que tem o propósito de mostrar essa questão na sociedade do século XIX. Visto que, Aluísio soube escrever o romance, que posteriormente, foi considerado pelos estudiosos como o marco introdutor do Realismo – naturalismo no Brasil, com uma escrita que faz com que o leitor se sinta dentro da trama, como se vivenciasse todas as relações sociais da época.

O romance narra uma história de amor “proibido” entre Ana Rosa e Raimundo, ela era uma moça “branca” e ele um rapaz “mulato”, filha de um comerciante e ele filho de um fazendeiro com uma escrava, os pais dos jovens eram irmãos e de origem portuguesa, portanto os jovens eram primos. Raimundo estudou em Lisboa, mas de volta à cidade natal por causa da morte do pai é vítima de grande preconceito racial, não podendo viver o seu amor pela moça, uma vez que ele era um mulato e ela uma moça branca, o que causava muita discussão e discriminação na sociedade.

O autor quando escreveu a trama fez o uso de fatos históricos da época, descrevendo a vida, o cotidiano com transparência, e ligando a história com a literatura. Visto que sempre há uma relação entre literatura e realidade, e que, a partir de um fato pode-se ter uma prévia de algum assunto, que pode ser desenvolvido ou criado com modificações ou não diante dos dados históricos que se têm em alguns livros literários, assim como os historiadores que trazem as reproduções e aspectos do passado em seu enredo, que servirão como forma de representação para que os leitores futuramente possam ler e ter conhecimento dos fatos do passado.

Sendo assim, alguns escritores, como: José de Alencar, Euclides da Cunha, Aluísio Azevedo e outros, buscaram retratá-la de um modo mais minucioso do que outros escritores, fazendo isso, talvez, como forma de imortalizar, mesmo que sem nenhuma intenção, a imagem dos seres humanos, de criticar as injustiças e os acontecimentos da sociedade de uma determinada época. Com isso, foi se formando um novo estilo literário no Brasil, o Naturalismo, que teve início em 1881, com a publicação de “O Mulato” de Aluísio Azevedo.

Parece então relevante avaliar a ideia que a obra de Aluísio Azevedo deixou à Literatura Brasileira como forma de crítica aos preconceitos raciais e sociais que a

população da época passava, fazendo isso por meio de seu romance “O Mulato” e usando teorias naturalistas que firmaram o escritor neste período.

O Presente trabalho tem por objetivo realizar uma análise temática da obra “O Mulato” de Aluísio de Azevedo e traz como questões norteadoras: Quais as contribuições literárias e sociais que o romance “O Mulato” de Aluísio de Azevedo traz à Literatura Brasileira? Como é tratada a questão social no romance? Esperando assim que o resultado do estudo seja uma maior compreensão das questões sociais tratadas na obra e as reflexões trazidas por eles para a literatura brasileira.

Sendo assim, este trabalho está dividido em três seções: Na primeira seção “O Mulato: literatura ou evidência histórica?” Foi feita a conexão entre Literatura e História, abordando algumas características entre estas, após a construção desta conexão foi apresentado o romance histórico e, consecutivamente, será trabalhado o período Realista-naturalista, mostrando que através de obras literárias, pode-se ter um meio de mostrar as questões que marcaram a sociedade de uma época.

Na segunda seção “Um testemunho histórico” pretende-se apresentar um breve histórico sobre a vida de Aluísio Azevedo na infância e na adolescência, no qual evidencia a cidade de São Luís, no Maranhão, na década de 1880, apontando os principais fatos que aconteceram nesse período, bem como a situação dos escravos perante à sociedade maranhense, após 1871.

Na terceira seção “O discurso racial e histórico em “O Mulato” objetiva fazer um breve resumo da obra, a fim de que se possa ter um pouco de conhecimento sobre os aspectos mais relevantes dos personagens e fatos ocorridos, e posteriormente, mostrando o espaço do Mulato na obra, como era visto e aceito dentro do ambiente da narração e por último, foi realizada uma análise de Evidências Históricas e Literárias em “O Mulato”, com intuito de mostrar as passagens que se configuram como forma de (re)conhecimento de uma sociedade passada.

Portanto, acredita-se que este estudo possibilitará uma discussão sobre as questões raciais e as injustiças pelas quais a sociedade maranhense do século XIX estava passando. Podendo-se discutir isto através da obra “O Mulato”, tendo a realidade histórica da época e a literatura como forma de contextualização dos fatos que a população sofria, fazendo uma referência ao contexto que Aluísio Azevedo nasceu, cresceu e se consagrou como o grande escritor da Literatura Naturalista brasileira, destacando os mais importantes fatos de sua vida que o influenciaram em sua carreira.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O MULATO: LITERATURA OU EVIDÊNCIA HISTÓRICA?

Durante muito tempo acreditou-se que apenas documentos oficiais poderiam servir de fonte para o trabalho do historiador. A consolidação da história como campo do saber científico, na segunda metade do século XIX, teve como um de seus pressupostos a crença na veracidade de suas fontes, em seu valor de prova histórica capaz de permitir ao pesquisador ter acesso ao fato passado tal como ele aconteceu.

Se antes as fontes literárias ocupavam lugar secundário, quase ilustrativo, na historiografia, elas adquirem agora estatuto de fontes primárias, autônomas, representações do passado que devem ser tratadas em sua especificidade.

É nesse sentido que Pesa Vento (2002) dirá que “[...] a literatura não pode ser entendida como uma ‘fonte a mais’, mas justamente como a fonte que pode dar aquele ‘algo mais’ que os documentos comumente usados pela história não fornecem”. Assim, a fonte literária seria um tipo de registro específico capaz de revelar, através da expressão estética, recriações, outras maneiras de se relacionar com o real objetivo.

Nesse contexto, a utilização das fontes literárias demarcaria um novo campo de possibilidades para o historiador, que passa a se questionar a respeito das condições historicamente dadas e dos sentidos que envolvem a produção dos artefatos literários e sua circulação dentro da sociedade.

Desejando contribuir para o debate atualmente travado no campo da História a respeito das interfaces desta com a Literatura, este trabalho consiste num exercício de utilização da literatura como fonte histórica. O romance em questão, “O Mulato” (1881), de autoria do escritor maranhense Aluísio Azevedo, é uma das obras mais populares da Literatura Brasileira, sendo considerado o grande marco da estética naturalista no país. As análises mais amplamente conhecidas desse texto evidenciam os aspectos deterministas da obra. Um olhar mais profundo sobre o romance, entretanto, poderá revelar aspectos renunciados pela crítica que conferem peculiaridade ao romance e permitem ao estudioso apontar algumas questões relativas às questões sociais da época, mais especificamente sobre o racismo, tecendo novas redes de relacionamento, construindo novos espaços sociais, e conferindo novos sentidos às múltiplas experiências, vivenciadas na sociedade da época.

História e Literatura buscam tratar de assuntos com olhares distintos, sendo que a primeira acredita que o texto pode levar a uma verdade do real, do contexto em que se busca analisar e a segunda traz o ficcional, transformando a literatura em algo que pode ser real ou não. E sabe-se que, História e Literatura, têm como instrumento de comunicação a linguagem escrita, portanto são considerados instrumentos de representações sociais e culturais, cada qual com o seu valor para os leitores e pesquisadores, com produtos finais que podem dar noção de temporalidade e de fatos passados.

O fato da literatura ter capacidade para abranger o histórico em narrativas faz com que se forme o romance histórico, visto que este aborda o real juntamente com o ficcional, tornando-se uma forma de indícios dos acontecimentos passados através do literário. E, no decorrer dos estudos dos críticos literários, foi-se caracterizando os períodos, e dentre eles, destacam-se o Realismo-naturalismo, o qual é caracterizado por trabalhar com a realidade na literatura.

Portanto, inicialmente pretende-se apresentar o “Contexto histórico: a conexão entre Literatura e História” que são áreas que interligadas por tratarem de assuntos que refletem na sociedade, na humanidade e se configuram como sendo um aspecto de retratação da realidade passada e presente, em que buscam, através da escrita, deixar expresso eventos passados, diferenciando-se da Literatura que trata de algo imaginável e subjetivo. A história é algo que precisa ser comprovado, trata os assuntos com base na veracidade dos fatos ou representações de verdade.

No segundo tópico, objetiva-se abordar “as interfaces do romance histórico no Brasil”, caracterizando o subgênero romance histórico, dentro do contexto brasileiro e alguns escritores que são, segundo os críticos literários, referências para esse tipo de texto, esclarecendo que para a formação do romance histórico é necessária a junção de História e Literatura, visto que o gênero é assim considerado pelo fato de trazer em sua estrutura características de ambas.

No terceiro momento são apresentadas as “características do romance Realista-naturalista”, fazendo a explanação desses períodos literários, fundamentais para que hoje se possa compreender as especificidades das obras literárias desses períodos e no caso específico “O Mulato” de Aluísio Azevedo.

Portanto, objetiva-se comprovar, por meio dessa pesquisa, que a leitura de obras literárias contribui para a construção e reconhecimento dos fatos históricos, sendo que ambas caminham juntas, mesmo com visões diferentes para abordar o real,

pois são importantes para produzir conhecimento aos leitores, não sendo necessário se limitar-se a um tipo de texto para obter informações dos acontecimentos sociais.

2.1.1 A conexão entre Literatura e História

A relação entre História e Literatura, é algo que atualmente está sendo bastante discutido por estudiosos das áreas, devido ser tema que se utiliza da escrita, da linguagem para os seus produtos finais, narrativas históricas ou literárias, produto pelo qual é possível formar a temporalidade e ter, assim, noção de eventos passados.

Inicialmente, cabe aos historiadores ter o compromisso com fatos reais, com a procura da verdade, enquanto aos literários é permitida a ficção, o uso da imaginação na criação de narrativas. A História está ligada, portanto, ao comprovável e ao que é “visível” buscando um discurso que se utiliza da razão, da consciência; e a Literatura com o poético, o imaginável, com o (re) criar situações, reais ou ficcionais.

Deste modo, observa-se no livro “A escravidão no Brasil - relações sociais, acordos e conflitos” de Douglas Cole Libby e Eduardo França Paiva como os escritores do processo da escravidão e da questão de venda e compra de escravos.

A escravidão foi uma instituição social de trabalho compulsório, na qual o próprio trabalhador era uma mercadoria (comprado e vendido, alugado, emprestado, penhorado, doado, leilado). Isso significa que não havia escravo sem proprietário e que, naturalmente, o senhor de escravos ocupava um lugar de destaque especial na sociedade escravista. Normalmente, os negócios eram realizados através de leilões promovidos nos mercados de escravos que marcavam a paisagem urbana do período (LIBBY; PAIVA, 2000, p.7).

E referente ao tema da compra e venda de escravos, mas voltado ao olhar literário, tem-se a passagem da obra “O Mulato” de Aluísio Azevedo, que mostra como os escravos eram vendidos.

Os corretores de escravos examinavam, à plena luz do sol, os negros e moleques que ali estavam para ser vendidos; revistavam-lhes os dentes, os pés e as virilhas; faziam-lhes perguntas sobre perguntas; batiam-lhes com a biqueira do chapéu nos ombros e nas coxas, experimentando-lhes o vigor da musculatura, como se estivessem a comprar cavalos (AZEVEDO, 1994, p.20).

Assim, é possível notar que historiadores e literários tem formas diferentes de trabalharem com o real, ao passo que a História se preocupa com uma visão objetiva da realidade, a Literatura se prende à subjetividade e à imaginação, estando, portando

a diferença na maneira como olham para as coisas do mundo, assim como afirma Edgar de Decca, que a diferença não está “naquilo que ambas perseguem, mas no modo de investigar tais objetos” (DECCA, 1997, p.199).

Portanto, a História fundamenta-se em dados, documentos e entrevistas a fim de que se possa ter uma maior veracidade, e para a Literatura isso não é necessário porque ela consegue atingir seus significados diante do público leitor, em que o histórico-social serve de pano de fundo para a ficcionalidade.

Desta forma, a obra “O Mulato” de Aluísio Azevedo, causou discussões quanto à natureza híbrida de seu enredo, sendo considerada pelos críticos uma obra que mistura ficção e realidade, levando o leitor a vivenciar, através da leitura, outro mundo, outra realidade, podendo deslocar-se no tempo, sem sair do lugar, vivenciar aventuras, paixões, intrigas, sem perder o juízo.

Sendo então, esse tipo de texto uma oportunidade para os leitores ampliarem o conhecimento de mundo, através da “transfiguração” da realidade em obras. Essa ligação acontece pelo fato que, de alguma forma a literatura está enraizada na sociedade, porque o escritor, de algum modo, é influenciado pelo o espaço, tempo, cultura, relações sociais que são vivenciadas por ele. Antônio Candido na obra “O direito à literatura” aborda essas faces da literatura diante do mundo:

Ela é uma construção de objetos autônomos com estrutura e significado; ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (CANDIDO, 1995, p.89).

Deste modo, a Literatura constrói algo baseado no mundo, expressando sentimentos, afim de que se conheçam determinados indivíduos e fatos da realidade. Assim, esses escritos têm contribuído bastante para a compreensão de como a literatura pode guardar e transmitir dados importantes de determinados períodos da realidade, podendo mostrar as várias dimensões sociais e subjetivas existentes. Enfim, a Literatura tem em sua estrutura o valor social, podendo transportar para a ficção as complexidades de uma dada comunidade em um dado momento histórico.

O livro “O Mulato” foi considerado “maldito” em sua época, mas nota-se o quanto ele contribui para o entendimento dos fatos raciais que estão presentes na obra. Assim como: “O cortiço” e “Casa de Pensão” de Aluísio Azevedo; Guerra dos Mascates de José de Alencar; A carne, de Júlio Ribeiro e, até mesmo a Literatura de Cordel do Nordeste, são formas de mostrar um pouco de uma dada situação.

O romance histórico é um gênero que pode ser encontrado em obras americanas como “Ivanhóe” de Walter Scott, “Os três mosqueteiros” de Alexandre Dumas, e também, em obras brasileiras como: “O guarani” de José de Alencar, “Memórias póstumas de Bras Cubas” de Machado de Assis, “O cortiço” de Aluísio Azevedo, e outros. Nessas obras, podem-se encontrar enredos mais fantasiosos ou realistas, podendo ser observado no romance histórico a utilização da História para manter o máximo de realidade possível na ficção literária. Assim, como se pode ressaltar que:

O romance histórico é a vontade de reinterpretar o passado com os olhos livres das amarras conceituais criadas pela modernidade europeia do século XIX, é a consciência do poder da representação, da criação de imagens e, conseqüentemente, do poder de narrar e de sua importância na constituição das identidades das nações modernas (FIGUEIREDO, 1997, p.2).

Portanto, a Literatura pode ser uma contribuição para o conhecimento das experiências passadas, individuais ou coletivas de homens, mulheres e de certas comunidades. Sem deixar de considerar que a História também tem suas importantes contribuições para as pessoas e para o mundo, analisando que esta possui acontecimentos sociais, políticos e econômicos. Enfim, questões passadas podem ser observadas através de leitura de obras literárias, as quais podem ser um importante caminho para chegar aos dados históricos da realidade e confirmando-se com a procura de pesquisas históricas, pois tanto a História quanto a Literatura são capazes de transmitirem ideologias.

2.1.2 As Interfaces do Romance Histórico no Brasil

As questões que dividem a História, descrevem fatos reais, e a Literatura, ligada ao estético, imaginável e cultural, são pontos relevantes para a formação do romance histórico, um subgênero do romance. Assim, o romance histórico é um documento que usa o discurso histórico, apropriando-o para torná-lo em algo literário, como se pode confirmar nas palavras de Maria de Fátima Marinho, “trata-se de um gênero híbrido, na medida em que é própria da sua essência a conjugação da ficcionalidade inerente ao romance e de certa verdade, apanágio do discurso da História” (MARINHO, 1999, p.12).

Segundo Lukács (1969) o romance histórico surgiu no século XIX, com a publicação de romances, Waverley e **Ivanhoé**, do escritor Walter Scott, retratando momentos em que as sociedades estavam passando por transformações econômicas, políticas e sociais.

Portanto, o romance histórico surge, no século XIX, numa tentativa de usar a História nos textos literários para auxiliar na construção de uma identidade nacional em um momento em que se formavam os Estados modernos e a ideia de nação estava ligada a questões de poder político e econômico (MELLO, 2008, p.126).

O romance histórico no Brasil também surgiu no século XIX no período Romântico, quando os escritores começaram a buscar a cultura nacional, refletindo sobre fatos passados e presentes, iniciando-se assim um novo gênero dentro do romance, por isso chamado por alguns estudiosos de subgênero. Para a construção desse subgênero, os escritores foram se utilizando de informações ficcionais da memória coletiva, tendo subsídios através de lendas, poemas, canções populares, transformando os conteúdos em romances históricos.

O escritor que é considerado precursor do romance histórico no Brasil foi José de Alencar, pois este soube explorar o caráter nacionalista da época, exemplos disso são: “As Minas de Prata” e “O Guarani”, obras que retratam a nacionalidade brasileira com detalhes e informações a respeito do Brasil, em que o autor soube criar um gênero com características novas.

É importante ressaltar que, durante outros períodos, os escritores também se utilizavam do real para construírem suas obras, mas não tinham o “olhar” tão voltado para os pontos reais históricos, criando estes novas imagens e idealizações para a Literatura. A preocupação do romance histórico estava em resgatar a História nacional, onde se tinham temas como patriotismo e cultura nacional. Posteriormente a Alencar, outros escritores também foram aderindo ao gênero Euclides da Cunha com a obra “Os Sertões”, Taunay com “A retirada da laguna”, e outros.

Para a construção do romance histórico é fundamental que se tenha dados verídicos, os quais vão ser o ponto de partida para a criação de toda a ambientação dentro da narrativa, pois são os dados do passado e presente do escritor que irão tornar algo possível de ser reconstruído, tendo personagens inspirados em pessoas da realidade, agindo de acordo com a mentalidade do tempo destes.

Propondo, desta forma o reconhecimento do passado e a caracterização do presente, portanto, o romance histórico é um gênero híbrido, pois mistura ficção e realidade, sendo o primeiro ponto de partida para o romance e o segundo ligado ao discurso da história.

2.2.3 Características do romance realista-naturalista

Aluísio desde que começou a ter contato com a leitura foi se interessando por livros de origem brasileira, portuguesa e francesa, pois em sua casa sempre teve um acervo de variadas obras, sendo esta uma segunda escola, deste modo o autor pode ter uma educação diferente de muitos jovens da época.

A sua mãe, Emília, gostava muito de leitura, música, pintura sendo uma incentivadora dos filhos na apreciação da arte. Porém, o pai achava que as artes não seriam um bom caminho para os filhos seguirem na vida, decidindo colocá-lo no comércio, como caixeiro. Este durou pouco tempo, pois o jovem achava o trabalho pouco proveitoso, financeiramente e intelectualmente. Como nota-se na seguinte passagem, em que Suzana Silva (2007) faz uso das palavras de Jean-Yves Mérian (1988) como forma de justificação para tal descaso:

Era certamente jovem demais para perceber a dimensão dos problemas econômicos e sociais que sacudiam a base da burguesia comerciante, mas certamente não ficava indiferente às manifestações concretas da decadência. A venda de escravos, a importação de produtos europeus, a exportação de algodão etc., requeriam formalidades alfandegárias e Aluísio trabalhava num armazém de despachantes de alfândega (MÉRIAN apud SILVA, 2007, p.71).

Diante do colocado tem-se a justificativa que era um ser muito jovem para ter interesse por aquele emprego, pelos problemas que a cidade passava, mas foi importante para que não ficasse fora dos acontecimentos, como o declínio pelo qual estava entrando a sociedade. Com passar dos tempos nota-se que o trabalho não ficou sem proveito para o escritor, pois na criação do romance “O Mulato”, tem-se a comprovação de que ele soube utilizar as ambições, as reclamações, os contentamentos e as misérias pelo qual os caixeiros passavam, em suas relações com os senhores. Como pode-se observar na descrição do caixeiro de Manuel Pescada, Luís Dias:

Mas a coisa era que o diabo do homem, apesar das suas prósperas circunstâncias, impunha certa lástima, impressionava com o seu eterno ar de piedade, de súplica, de resignação e humildade. Fazia pena, incutia dó em quem o visse, tão submisso, tão passivo, tão pobre rapaz — tão besta de carga. Ninguém, em caso algum, levantaria a mão sobre ele, sem experimentar a repugnância da covardia. [...] Vários negociantes ofereceram-lhe boas vantagens para tomá-lo ao seu serviço; mas o Dias, sempre humilde e de cabeça baixa, resistia-lhes de pé firme. E tal constância opôs às repetidas propostas que todo o comércio, dando como certo o seu casamento com a filha do patrão, elogiou a escolha de Manuel Pedro e profetizou aos nubentes “um futuro muito bonito e muito rico”. [...] Ela nem queria vê-lo! Tinha lhe birra; não podia sofrer aquele cabelo de escovinha, aquele cavanhaque sem bigode, aqueles dentes sujos, aquela economia torpe e aqueles movimentos de homem sem vontade própria (AZEVEDO, 1994, p.29).

Na descrição de Luís Dias pode-se perceber como ele era visto pelos comerciantes, que tanto lhes estimavam por ser muito humilde, submisso, enfim aceitava as condições impostas sem questionar, como muitos outros faziam. Porém, Ana Rosa, que era a filha de Manuel Pescada, não tinha nenhum apreço por ele, pois a menina não olhava o valor que este tinha no comércio, em que apontava o fato do Dias aparentar ser econômico e sem vontade de fazer as coisas por sua própria vontade.

Depois que Azevedo saiu do primeiro emprego, trabalhou em outros lugares, mas nada lhe chamava a atenção como as artes, principalmente, a pintura. Estes já tinham como pano de fundo a escravidão e o racismo que as pessoas sofriam, colocando-se desde o início de sua carreira contra as injustiças. O seu ingresso como escritor literário foi quando voltou para a sua cidade natal com a morte de seu pai, onde lançou “Uma Lágrima de Mulher” (1879), mas sendo “O Mulato” o produto auge da introdução do Naturalismo no Brasil, fazendo com que ele se firmasse na carreira de escritor e deixasse as demais artes, passando a viver exclusivamente da literatura, o que na época não era fácil.

O autor viveu e escreveu em um momento de grandes transformações sociais, políticas e econômicas, tendo suas principais obras registradas no período realista-naturalista, sendo que as de maior relevância para a Literatura Brasileira são: “O Mulato”, “O Cortiço” e “Casa de Pensão”, todas caracterizadas pelos estudiosos como sendo do período naturalista, pois segundo os Literatos, o realismo surgiu, no Brasil, em 1880, com a publicação de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” do autor Machado de Assis e o Naturalismo em 1881, com Aluísio Azevedo e o romance “O Mulato”.

Portanto, o escritor Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo tornou-se consagrado pelos críticos da Literatura com a sua escrita, dentro da fase realista-naturalista, visto que este período é a tradução do cotidiano vivido pelos seres

humanos, é a realidade expressada profundamente, sem receios de mostrar como a vida e as pessoas realmente são.

Tufano explica no livro *Estudos de Literatura Brasileira* que “o Realismo propõe uma representação mais objetiva e fiel da vida humana [...] como meio de combate e de crítica às instituições sociais decadentes. O Naturalismo enfatizava bastante o aspecto materialista da existência humana (1995, p.143 - 144)”. O Realismo e o Naturalismo compartilham do mesmo espírito de precisão, de objetividade na descrição. Sendo assim, o realismo-naturalismo é um:

Movimento que se inicia na segunda metade do século XIX com a retomada do racionalismo e se estende até o início do século XX. Sua principal característica é a tentativa de traduzir a realidade. (...) é o reflexo da desilusão do homem frente à sociedade: miséria das cidades, crise da produção no campo e péssimas condições de vida. É nesse ambiente que os artistas passavam a observar e a externar a verdade possível da realidade, colocando-se contra o tradicionalismo romântico e procurando incorporar os descobrimentos científicos de seu tempo (MARTINS; LEDO, 2001 p.66).

Portanto, o período realista foi um marco na Literatura Brasileira, visto que este retratava a realidade do ser racional, passando a encarar objetivamente a realidade e a razão caracterizando-se, assim, o período realista, sendo retratado nos livros, segundo Candido e Castello como “[...] as forças naturais e sociais pesando sobre o homem: natureza, ambiente social, educação, taras, instintos, gerando conflitos dramáticos, situações anormais, desfechos catastróficos, [...]” (CANDIDO E CASTELLO, 2003, p. 288).

Juntamente com as características deste período, foi incorporado o cientificismo da época, criando romances que são verdadeiras teses científicas, nas quais o artista cria situações de causa e efeito para melhor descrever atitudes e personalidades, evidenciando preocupações patológicas, formando-se assim, na especificidade, o naturalismo.

O artista realista do século XIX caracteriza suas obras como algo que decorre de algumas ideias científicas, para que se consiga ter a objetividade na descrição dos fatos, procurando conservar durante a narração a realidade que se deseja descrever. Desta forma, o romance será muitas vezes um instrumento de denúncia e de tentativa de combate as injustiças sociais da época.

Dentro do Realismo - naturalismo está presente algumas teorias científicas, uma delas é a teoria determinista, que tem no romance naturalista o espaço fundamental para o condicionamento do homem, que vem para explicar a hereditariedade, a crença

de que os homens estariam condicionados pela genética, pelo meio e pelas circunstâncias, que é o caso de Raimundo, pois este é filho de um fazendeiro português e de uma escrava, sendo assim um mulato, daí a origem do título da obra.

Diante das colocações entende-se que o Realismo e o Naturalismo são momentos que estão muito próximos e interligando-se nas suas características, como nota-se na colocação de Afrânio Coutinho:

Todavia, Realismo [...] e Naturalismo, [...] participam do mesmo espírito de precisão e objetividade científica, de exatidão na descrição, de apelo à minúcia, de culto do fato, de rigor e economia de linguagem, de amor à forma, e só distingue o Realismo do Naturalismo o aparato cientificista deste último, sua união à biologia e ao determinismo da herança e do ambiente (COUTINHO, 1997, p.8-9).

Sendo assim, diante do que Coutinho explana, percebe-se que o Realismo e o Naturalismo são períodos que caminham juntos, porém diferenciam-se no momento em que o Naturalismo passa a olhar, a questionar a questão do biológico, da hereditariedade física e psicológica que as pessoas têm, das atitudes, dos comportamentos no meio social, enfim de toda influência que o homem sofre da natureza. Contudo, Afrânio Coutinho ainda explica que:

Quanto ao Naturalismo, é um Realismo a que se acrescentam certos elementos que o distinguem e tornam inconfundível sua fisionomia em relação a ele. Não é apenas um exagero ou uma simples forma reforçada do Realismo, pois que o termo inclui escritores que não se confundem com os realistas. É o realismo fortalecido por uma teoria peculiar, de cunho científico, uma visão materialista do homem, da vida e da sociedade (COUTINHO, 1997, p.11).

Nota-se que o Naturalismo e o Realismo não são períodos tão diferentes, eles se entrelaçam, tendo muitas características em comum, mas se diferenciando em outros pontos, como na forma de se colocar diante da ampla diversidade da sociedade, sendo que ao Naturalismo é incorporada a análise do cientificismo dos personagens. E são essas diferenças que fazem com que haja escritores que se encaixam e representam esse período, sendo um desses escritores Aluísio Azevedo, que foi um dos grandes fundadores do Naturalismo no Brasil.

No Naturalismo tem-se uma acentuação de forças hereditárias e naturais sobre o indivíduo, que irão influenciar em seus atos e no seu destino, colocando o homem como um ser indefeso, dominado por forças internas e externas, que este nem sempre consegue controlar e que irá sempre ameaçá-lo, podendo colocá-lo em seu fim. Os

escritores sempre têm preferência pelas camadas sociais mais baixas da sociedade, pois, nestas têm-se mais facilidade de encontrar os pontos de explanação do naturalismo, sendo que muitos escritores são influenciados por estudiosos como Hipolite Taine e Émile Zola em sua linha de cientificismo naturalista, (JATAHY,2002, p.10).

Os personagens das tramas realistas e naturalistas possuem diferenças, em que no primeiro têm-se uma origem moral ou provém de algum desequilíbrio social e no segundo têm-se a herança biológica e psicológica, buscando mostrar o interior dos personagens que em certo momento são expostas a sociedade causando muitos transtornos, por isso muitas vezes os personagens naturalistas são muito parecidos. Estes pertencem à vida quotidiana, da classe operária, vindas de um lugar onde os escritores encontram a autêntica verdade. Os autores tentam assim dar sentido à vida, procurando reafirmar a dignidade e a importância do homem.

2.2 UM TESTEMUNHO HISTÓRICO

O autor Aluísio Azevedo e “O Mulato” foram alvos de discussões e críticas por parte de alguns jornalistas, na província de São Luís, devido abordar na obra, a relação dos negros e mestiços com os brancos dentro desta sociedade, como observa-se a crítica no prefácio da 3ª edição do livro O Mulato:

À lavoura, meu estúpido! À lavoura! Precisamos de braços e não de prosas em romances! Isto sim é real. A agricultura felicita os indivíduos e enriquece os povos! À foice! E à enxada! [...]. Como se vê, não segui o conselho do único jornalista da minha província, que se dignou criticar o meu primeiro livro; não quebrei a pena nem me atirei à lavoura; vim simplesmente para a corte, graças ao produto pecuniário do amaldiçoado O Mulato, e continuei a escrever, a fazer novos volumes, um atrás do outro, sem descansar. E agora, que oito bons anos se escoaram depois que parti de Atenas, durante os quais tenho vivido, pura e exclusivamente, das minhas produções literárias, [...] agora O Mulato vem de novo à tona da publicidade e agora que ele já não pertence a província nenhuma, mas sim ao público do Rio de Janeiro, a quem devo tudo [...] (AZEVEDO, 1994, p.19).

Portanto, de acordo com que Azevedo divulga no prefácio, ressalva-se que teve essa repercussão por ser uma narrativa que demonstra fatos discriminatórios de uma sociedade e expõe a vida dos negros, escravos, mestiços, caracterizando as questões raciais que estes sofriam na sociedade.

Também é possível observar a questão dos clérigos que faziam muitas coisas erradas, como por exemplo: alteração na data de nascimento de algumas crianças filhos de escravos, crianças que já seriam consideradas livres pelas primeiras leis de libertação, mas os clérigos agiam dessa forma, sem que a população percebesse a verdadeira situação, envolvendo membros da igreja, sendo o cônego Diogo o personagem que se envolve nas ações que requerem alguma decisão importante para mudarem o fim de algum fato da vida de personagens; e como o escritor, Aluísio Azevedo, deixa explícito que conseguiu desse modo, instalar-se no meio literário.

Desta forma, a obra pode-se tornar um testemunho histórico da época, fazendo essa consideração a partir do primeiro tópico que será “Aluísio Azevedo na infância e na adolescência”, o qual objetiva relatar um pouco da vida do escritor durante essas fases, mostrando fatos que o marcou como ser humano, que fez refletir e filiar-se as causas abolicionistas.

No segundo momento, apresenta-se o autor “Aluísio de Azevedo e a cidade de São Luís na década de 1880” que tem como foco retratar o assunto histórico de um determinado momento que foi vivenciado pelo o autor, no decorrer de sua vida, e que essa convivência com o real fez com que ele se interessasse por um tema diferente do acostumado na época, pois Azevedo vem caracterizando em sua obra, fatos que podem ser reais ou não, mas que não deixam de ser uma evidência do real, visto que trata de algo acontecido num dado momento da história do ser humano e, em especial, da cidade de São Luís do Maranhão, na década de 1880, onde é ambientada a obra.

E no terceiro momento é apresentada “a situação dos escravos na cidade de São Luís do Maranhão, após 1871”, em que espera-se fazer um panorama da vida dos escravos nessa época, a fim de que se possa ter conhecimento dos acontecimentos que muitos imaginavam que iria trazer melhoras, mas que, na realidade o progresso com as conquistas abolicionistas foram demoradas, e conseqüentemente poucas, demorando alguns anos ainda para acontecerem realmente para os escravos.

Para a cidade de São Luís, a narrativa foi um objeto que causou alarme, pois a obra expõe os costumes da população da época, apontando como os escravos e mestiços eram tratados na convivência com os brancos, enfim, de fatos que foram trazidos para uma narrativa que é considerada o marco inicial da Literatura Realista-naturalista no Brasil.

Dentro de muitas considerações a serem feitas destaca-se que Azevedo foi um homem que esteve ligado às artes literárias, e por meio delas e de empregos em locais

que serviram de ponto de partida para as críticas contra uma sociedade que trazia em seu meio social fortes questões de preconceitos, de julgamentos de uma sociedade intolerante às diferenças entre a população, de uma sociedade que sempre estava ligada a assuntos raciais e aos tipos de intolerâncias étnicas.

Com isso, podem-se relacionar os fatos ocorridos na obra com o período Realista-Naturalista, pois nestes tem-se a retratação da realidade como ela é, valorizando a razão e a objetividade, mostrando, criticando e revoltando-se contra as injustiças, os defeitos, a opressão que as classes populares sofriam, buscando sempre a “veracidade” da relação entre indivíduo e sociedade com um “retrato fiel” dos personagens ali inseridos.

2.2.1 Aluísio de Azevedo na Infância e na Adolescência

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu no dia 14 de abril de 1857, sendo que foi batizado na Igreja de São João Batista, no dia 30 de maio, do mesmo ano, e registrado como filho natural do comerciante português David Gonçalves de Azevedo. O registro dava segurança a Aluísio e também a seus irmãos, os direitos que a lei dava aos filhos naturais.

Os anos iniciais da vida de Aluísio Azevedo foram marcados por acontecimentos de suma importância para a sua formação, pois seu pai era vice-cônsul do período de 1859 a 1878 e também tinha um comércio chamado Azevedo e Braule. Este era dele e de um sócio, porém, este parceiro adoeceu e então David decidiu fechá-lo aproveitando-se disso, pois o Maranhão nesta época passava por forte crise e muitos outros comerciantes estavam indo à falência e para que isto não ocorresse decidiu-se que era melhor assim, porque decretar falência afetaria o seu prestígio social.

Passando a dedicar-se a função de vice-cônsul, pois Augusto de Faria, o cônsul titular, estava doente. Seu pai tinha bastante desejo de tornar-se cônsul, porém não era algo que tivesse muito rendimento financeiro e isto não dava a David, a mulher e aos cinco filhos uma vida de luxo. Portanto, Aluísio não era de família rica, mas viveu em uma das famílias mais cultas da cidade de São Luís do Maranhão, sendo que seus pais foram seus primeiros professores.

Como o próprio Aluísio deixa claro nas crônicas que escreveu no periódico “O Pensador”, em sua casa havia uma verdadeira escola paralela com uma pedagogia rigorosa, onde o teatro desempenhou um papel predominante na

sua formação e na formação de seus irmãos. Não se tratava apenas de apresentar peças escritas por autores conhecidos, mas de conceber interiormente o espetáculo (OLIVEIRA, 2008, p.28).

Seu pai e sua mãe foram os primeiros educadores e influenciadores de sua vida, sempre pesquisando livros de qualidade para formação educacional dos filhos. Sua mãe sempre procurou incentivar Aluísio e seus irmãos no desejo pela leitura, pela arte, pela expressão literária, tentando sempre que compreendesse a fundo o qual a mensagem passada. O teatro também teve muita importância em seu desenvolvimento no meio artístico, pois através deste podia se imaginar todo o envolvimento da arte.

A mãe de Azevedo era Emília Amália Pinto de Magalhães, era uma mulher culta, que fez despertar em Aluísio e no seu irmão Artur, o prazer da leitura. A família tinha uma biblioteca que possuía 4.892 volumes de obras, sendo romances, contos, folhetins e poesias traduzidas do francês. Aluísio e o irmão tiveram em casa o primeiro contato com a língua francesa.

Quando criança, o escritor, só foi ter contato com os escravos e saber do sofrimento que estes passavam aos dozes anos de idade, como ele mesmo escreveu na crônica “O Pensador”, observe:

Um dia, em que andava eu nas costumadas estripulias, meti-me pelo interior do Convento (de Nossa senhora do Carmo) com a intenção de encontrar qualquer motivo para alguma nova brincadeira, quando ao passar por um quarto gradejado de ferro, ouvi gemidos dolorosos e oprimidos, como de alguém que tivesse receio de ser ouvido. Procurei descobrir o que aquilo era depois de encarapitar-me na grade de uma das portas, percebi que naquele quarto sombrio e úmido estava alguém. E a proporção que meus olhos se habituavam a escuridão fui descobrindo num dos cantos da prisão um desgraçado mulato, preso pelas pernas num tronco. O mulato, quando me viu, deixou de gemer e voltando com a cabeça riu do modo mais idiota e estúpido que é possível imaginar. Eu senti um arrepio percorrer-me o corpo e tive nojo do que via. O tronco estava colocado no chão e fechado numa das extremidades por um cadeado de ferro; podia constar de seis buracos para as pernas e uns dois para o pescoço... Quando sai dali estava aborrecido e triste. Aquele castigo covarde e torpe, aquele desrespeito à moral cristã e social indignavam-me a ponto de despertar-me no coração uma ideia má; tive vontade de incendiar o convento. Já se vão doze anos e, entretanto o escravo de Nossa Senhora do Carmo está vivo em minha memória como se eu o tivesse visto neste instante. Foi ele quem despertou a primeira ideia da liberdade, devo talvez a esse desgraçado o grande ódio que voto hoje a tudo que é despótico e opressor (AZEVEDO apud OLIVEIRA, 2008, p.28-29).

Nesta passagem, nota-se como foi rica a descrição que o autor fez, procurando assim tocar o leitor contra o processo da escravidão que na época existia. Assim, pode-se supor que o autor quando fez essa descrição já tinha em seu cunho literário o objetivo de travar em sua obra, “O Mulato” do ano de 1881, questões da escravidão

que hoje são tidas como tipos de preconceitos raciais e de demais abusos que a população negra sofria, mas que era algo imposto a eles pelos seus senhores.

Devido às crises pela a qual a sociedade passava, Aluísio foi colocado pelo pai para trabalhar como aprendiz de comerciante, o que não agradou a sua mãe, pois ela queria que o filho se dedicasse e terminasse os estudos. Esse emprego marcou a entrada de Aluísio no mercado de trabalho dos adultos e o fim de sua infância.

Os amigos de Aluísio de Azevedo – Emilio Rouède, Olavo Bilac e João Afonso do Nascimento em artigos biográficos descrevem em termos semelhantes Aluísio quanto ao serviço de caixeiro, note:

Segundo esses três escritores, Aluísio Azevedo não possuía nenhuma vocação particular para a vida de caixeiro. Mas, este trabalho, embora não sendo enriquecedor, financeira e intelectualmente, constituiu-se numa experiência que seria aproveitada, anos depois, na redação do romance “O Mulato” (OLIVEIRA, 2008, p.30-31).

Portanto, esse emprego fez com que Aluísio vivenciasse a vida de um comerciante, levando-o a conhecê-la no seu íntimo. É de se relevar que Aluísio era muito jovem para perceber a extensão dos problemas econômicos e sociais pelos quais passavam a sociedade maranhense, mas certamente, o jovem não ficou indiferente aos acontecimentos ao seu redor. Por isso, pode-se supor que ele aproveitou de suas lembranças para descrevê-las na obra “O Mulato”.

Quando Azevedo deixou o trabalho de caixeiro, ocupou-se dos vários serviços temporários, pois como já foi colocado, era de família de situação econômica não muito boa e precisava trabalhar. Trabalhou como Guarda-Livros, Professor de Gramática Portuguesa e de Desenho no Colégio do Padre Teillon, dividindo seu tempo ao aprendizado de Pintura e Desenho. Além desta habilidade de pintor, ele também trabalhava com teatro, onde dirigia as peças, criava cenários e figurinos. Quando tinha confiança do seu trabalho com a pintura, resolve sair do colégio e tentar viver da pintura, como destaca Olavo Bilac “Aluísio abalançou-se a tomar quantas encomendas de retrato a óleo lhe apareceram. Começou a transportar para a tela todas as oleosas faces da burguesia maranhense. Nesse tempo já o dominava a ardente preocupação da verdade na Arte” (BILAC *apud* OLIVEIRA, 2008, p.31-32).

Em se tratando de verdade na arte, Aluísio teve grande influência das ideias positivistas, mas sem deixar de lado o romantismo da época. O autor se interessou

pelo romance por volta de 1875, com 17 anos, pois foi nessa época que escreveu “Uma Lágrima de Mulher” publicada em 1879.

Tendo o auge de sua literatura com a publicação de “O Mulato” em 1881, pois este trazia duas questões muito polêmicas para a época que são: a escravidão e a corrupção dos padres, o que fez com que a sociedade se sentisse ofendida, causando a grande revolta da população maranhense contra o escritor Aluísio Azevedo, que com o decorrer do tempo, foi considerado o introdutor do Naturalismo no Brasil, ficando conhecido como o renomado escritor da Literatura Naturalista Brasileira.

2.2.2 Aluísio Azevedo e a cidade de São Luís na década de 1880

Na época em que Aluísio de Azevedo publicou o livro “O Mulato”, a situação econômica da cidade de São Luís do Maranhão ainda era considerada um tanto estável, porém já era notável uma fase de dificuldades, que estava prestes a acontecer e marcar todo um período da História Brasileira, pois o mercado da época estava passando por mudanças, então, com o decorrer do tempo essa situação foi se modificando e se agravando, entrando, no difícil processo de grandes transformações em seu meio.

Essas mudanças eram vistas em todos os setores de comércio da época, dentre essas a agricultura, que mesmo antes da abolição da escravatura começou a notar a sua decadência, no período de eliminação da mão-de-obra escrava foi praticamente total, pois com abolição a lavoura ficou com deficiência de trabalhadores.

Uma cidade típica como todas as outras da época, São Luís era notada com características que conservavam o estilo colonial em suas casas, na vida típica, nos costumes, comércio, tradição, religião, cultura, enfim, com um estilo que ora pendia para o Português ora o Francês. No ano de 1881, a situação econômica ainda estava favorável diante da crise, então se preservava a nobreza e a riqueza, o luxo que ainda era possível se ter no período. Carlos de Lima na obra “A escravidão no Brasil” descreve que:

A sociedade maranhense de então mercantilista e escravocrata, mantinha seus preconceitos e identidade, com rígida divisão de classes, para mergulhar na

decadência que se seguiu à abolição e à malograda aventura industrial (LIMA, 1976, p. 142).

Deste modo, Lima aponta que a sociedade de São Luís que era comercial e escravocrata tinha os seus meios de se considerar uma cidade de valor, assim como outra, mas com divisões sociais, as quais foram influenciadoras no processo da abolição escravocrata que se configurou, ao final, na decadência comercial, pois para a progressão comercial era preciso que se tivesse a mão-de-obra escrava.

Durante esse período, os jovens que queriam estudar, viajavam para países conceituados no processo de educação, como Europa, França, entre outros. E quando voltavam para o Brasil queriam viver com o mesmo requinte, acrescentando então novas maneiras de se viver, mas essa divisão de elite e trabalhadores não ficava somente entre maneiras de agir, pois se diferenciavam na questão da educação, separando letrados e iletrados, sendo que os letrados tinham o poder em suas mãos, mesmo sendo uma minoria que se distinguia da maioria dos que não tinham estudo.

A igreja também tinha o seu meio de influenciar e comandar a sociedade, pois este órgão confirmava os casamentos que eram como negociações comerciais, em que aprovava o que era melhor, não dando atenção aos sentimentos dos envolvidos na situação.

Da mesma forma, acontecia com os escravos, sendo que estes não tinham a mínima atenção e valorização, a única coisa que estes serviam era para o trabalho, que era difícil, pesado e sofrido, com muitos maus tratos, e quanto a isso a igreja ignorava, pois estava do lado dos proprietários que precisavam dos serviços dos seus escravos.

Também se configurava na cidade de São Luís, no ano de 1881, a luta pelo livre pensamento, ou seja, a liberdade de ideias, de renovação e libertação de toda uma cultura que não via o negro como um ser comum como qualquer outro, mas sim um ser para o trabalho, sendo que essa já era uma condição imposta aos homens.

Esse método de renovação era pregado na imprensa local, sendo os jornais os seus meios de maior divulgação, dentre esses jornais estavam os principais “O Pensador” e “Pacotilha”, e o escritor Aluísio Azevedo trabalhava para esses jornais e então tentava sempre colocar algo que chamasse a atenção para essa liberdade, para que a sociedade deixasse o tradicionalismo existente em toda a cultura da cidade de São Luís do Maranhão.

Assim com o decorrer do tempo e o desenvolvimento da história da cidade de São Luís pode-se notar que a obra “O Mulato” de Aluísio Azevedo configurou-se em um símbolo dessa luta contra o tradicionalismo.

2.2.3 A situação dos escravos na cidade de São Luís do Maranhão após 1871

Os escravos viviam em situação deplorável, pois não se tinha com eles nenhum cuidado, eles eram somente para o trabalho, para cumprir as ordens de seus senhores. Com formulação da “Lei do Ventre Livre”, de 28 de setembro de 1871, os escravos criaram muitas expectativas de mudança, então essa esperança era totalmente almejada, porém essa lei causou muitas frustrações para os que iam sendo contemplados, pois não acontecia como todos queriam ou imaginavam que fosse, pois para a liberdade era preciso que se pagasse uma indenização aos seus donos ou que se colocasse outro ser para trabalhar no lugar. Até os vinte e um anos de idade, a indenização fazia com que o escravo trabalhasse, ainda por muito tempo na fazenda para o seu senhor, além disso, também ocorria como se pode observar em Mérian (1988) o fato de crianças que nasceram após essa data, serem registradas com datas anteriores a estas para que assim não fossem beneficiadas com a lei.

A elite social via essa lei como uma ameaça para a economia da sociedade, assim como uma desmoralização ao direito de posse sobre o escravo, que para os senhores o fato de ter e mandar no escravo eram como se fosse uma ordem de Deus, que foi ele quem colocou as coisas desse modo. Segundo Conrad “as primeiras libertações de escravizados só ocorreram em 1876” (CONRAD, 1975, p.137). Com isso, pode-se deduzir que não foram muitos os privilegiados com a Lei do Ventre Livre, e esse descaso com o negro faz-se entender o porquê de tantas fugas que ocorreram na época.

Todo esse ambiente de relação entre escravos e senhores, de violência contra os escravos, eram de costume da sociedade maranhense e esses fatos marcaram a adolescência de Aluísio Azevedo. E para a mudança desses atos, era preciso mudar também a forma de pensar das pessoas, que viam o negro somente para o serviço, pois o trabalho escravo criou uma visão de que tudo é por hierarquia, então era difícil que se tivessem na época uma visão diferenciada das existentes até então.

Deste modo, o discurso racial foi se tornando na circunstância criada pelo o movimento abolicionista, a melhor solução para os problemas de liberdade dos

escravos, pois se dividiam entre seres brancos e negros, assim como também se tinha a divisão de lugar de cada um na sociedade.

Então, nesse contexto de instabilidades, a cor da pele passou a ser a linha de distinção pela qual o indivíduo era analisado dentro da sociedade, mesmo que pessoas mestiças e livres tivessem uma posição igual a de um ser branco na sociedade não eram tidas como seres iguais, pois eram diferentes na cor e na hereditariedade, então não estavam livres do desprezo da sociedade.

Nessa época, a elite da cidade de São Luís tinha como referência a Europa, poucos sabiam ler, mas muitos jornais eram publicados e nesses jornais tinha-se o costume de publicar textos românticos, em que as mulheres e moças da época encontravam um meio de sonhar e idealizar o príncipe encantado e até mesmo de esquecer a vida enclausurada e submissa que as esposas viviam. Com o decorrer do tempo, Aluísio de Azevedo veio instalar um novo tipo de literatura, em que buscava uma elevação cultural e que mais tarde veio a se configurar em algo marcante e referencial para a Literatura Brasileira.

3 METODOLOGIA

3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

A abordagem de pesquisa utilizada para o desenvolvimento do presente trabalho é a abordagem qualitativa, a pesquisa qualitativa não busca enumerar ou medir eventos. Ela serve para obter dados descritivos que expressam os sentidos dos fenômenos e a análise de dados.

A pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas, periódicos e outros. Busca também, conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado tema (MARTINS, 2001).

Podemos somar a este acervo as consultas a base de dados, periódicos e artigos indexados com o objetivo de enriquecer a pesquisa.

Este tipo de pesquisa tem como finalidade colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto (MARCONI e LAKATOS, 2007).

Desta forma, segundo os autores acima, a pesquisa bibliográfica não é apenas uma mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre determinado assunto, mas sim, proporciona o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.

O estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica pautada na Análise literária da obra “O mulato” de Aluísio de Azevedo, tendo como enfoque a questão racial abordada na obra, os principais autores que contribuíram com o trabalho foram: o próprio Aluísio de Azevedo, além dos autores: OLIVEIRA (2008), MERIAN (1988), CANDIDO (2003) dentre outros.

3.2 COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, em sites, livros, periódicos e documentos disponíveis na internet, baseada nas palavras chaves: “O Mulato”, Aluísio de Azevedo e Preconceito Racial. Durante o levantamento bibliográfico, foram selecionados os seguintes livros, tendo em consideração que se pretendeu elaborar uma bibliografia básica e seletiva: O mulato, O direito a literatura presença da literatura brasileira: história e antologia, Visões da liberdade: uma história

das últimas décadas da escravidão na Corte, Os últimos anos da escravatura no Brasil, A Literatura no Brasil: Era realista/Era de transição.

Na fase seguinte houve preocupação voltada para uma leitura cuidadosa dos impressos bibliográficos. Esta leitura procurou destacar as questões sociais envolvidas no romance “O Mulato” de Aluísio de Azevedo, bem como as contribuições da obra para a Literatura Brasileira.

4 RESULTADO DA PESQUISA

4.1 O DISCURSO RACIAL E HISTÓRICO EM “O MULATO”

A obra “O Mulato”, de Aluísio Azevedo, trata da questão do processo de escravidão na cidade de São Luís do Maranhão por volta das décadas 1870 a 1880, tendo como foco maior, a questão do preconceito racial, que o personagem Raimundo sofreu no decorrer de sua vida, como pode ser observado na narrativa, por isso o primeiro tópico deste foi um breve resumo da obra “O Mulato”.

Espera-se, apontar no resumo, as questões raciais que ocorreram com os personagens negros e também questões ligadas à corrupção da igreja e da burguesia, pois é possível notar que o cônego Diogo sempre está por trás de alguma situação armada por ele mesmo, afim de que as coisas saiam como ele quer, assim como acontece com Ana Rosa e Raimundo, e que depois do acontecido, Dias vem a se casar com Ana Rosa.

A obra foi publicada na época da campanha contra a abolição da escravatura, por isso critica a igreja, através do padre Diogo, tentando mostrar que a igreja pode muita coisa e que ninguém vai desconfiar da situação imposta pelos clericais.

O livro mostra a sociedade maranhense, evidenciando os costumes das pessoas e da época, mas sempre tentando mostrar através da narrativa uma crítica à sociedade que tinha em seu meio muito preconceito com os seres humanos escravizados, negros, mestiços, enfim de “hereditariedade negra”, e isso pode ser notado, principalmente na avó de Ana Rosa, dona Maria Bárbara, que não admitia que o sangue português se misturasse com o negro, pois este era impuro, sujando assim o sangue branco, construindo dessa forma no segundo momento “o espaço do Mulato na obra”.

Espera-se expor, através do romance, como o negro ou o mestiço não têm espaço, assim como na realidade que os escravos viveram, mostrando-os sempre submissos aos brancos, rejeitados pela a sociedade por onde passam, sendo ignorados como seres humanos, tidos como animais selvagens, que não possuem características dos brancos, mas, afinal, são também seres humanos. Desta forma, pretende-se analisar a obra que Aluísio escreveu como uma forma de demonstrar os fatos acontecidos na sociedade e que se tornou uma literatura de grande importância.

4.1.1 Um Breve Resumo da Obra “O Mulato”

O livro “O Mulato”, de Aluísio Azevedo, narra a história de Raimundo, filho de um português comerciante de escravos, José Pedro da Silva e da negra e escrava, Domingas. Sendo, portanto, um mulato, que vem dar título ao livro. Raimundo e sua prima Ana Rosa se apaixonam, mas são impedidos pela família de viverem o amor devido Raimundo ser um mestiço, “mulato”.

A obra se inicia relatando a cidade de São Luís do Maranhão, tendo um ambiente abafado, com calor e em muitos pontos da cidade não era possível encontrar uma viva alma, o local de mais movimentação comercial e que estava em contraste com o restante da cidade era a Praia Grande e a Rua da Estrela. Onde era possível observar a comercialização dos escravos.

Após a descrição da população, o autor vem narrando a história do viúvo Manuel Pedro da Silva, mais conhecido como Manuel Pescada. Este era português e comerciante. Manuel foi casado com Mariana, que veio a falecer, deixando o esposo e a filha Ana Rosa, e como Ana ainda era jovem e tinha muito que aprender sobre os dotes de mulher, assim Manuel convida sua sogra Dona Maria Bárbara para morar com eles. Dona Maria era uma mulher que não tinha paciência, só falava gritando com os escravos. Esta tinha uma admiração muito grande pelos brancos, em especial os portugueses.

Ana Rosa tinha os olhos pretos e os cabelos castanhos de Mariana e puxara do pai o corpo e os dentes fortes. É filha única, cresceu entre a atenção do pai e o mau gênio da avó, que estava na época de se casar, com um homem que fosse digno de seu amor, porém nenhum pretendente lhe causava interesse. E Ana Rosa tinha em mente seguir o conselho que a mãe lhe dissera no leito de morte: o conselho era de que ela não se casasse sem amor, que casasse porque ama e não amar porque casou, pois, deste modo seria muito feliz.

Manuel que era comerciante tinha um empregado com nome de Luís Dias, este era um rapaz português, que de acordo com a descrição do autor é ativo, econômico, trabalhador, muito discreto, com forte gosto pelo comércio, sempre humilde, mas não se importava tanto com a sua higiene. Manuel queria que sua filha se casasse com o Dias, pois assim daria continuidade aos negócios.

No entanto, Ana Rosa queria um casamento romântico, que houvesse amor. Queria um homem que amasse verdadeiramente, não um homem como Dias que só se

importava com os negócios, e vai secretamente o rejeitando, nunca dando uma resposta concreta ao pai. No entanto, Ana Rosa tinha uma estranha doença e, segundo os médicos, o remédio era casá-la, pois era disso que ela precisava e já estava na idade disso acontecer, pois tinha vinte anos de idade.

Depois de anos morando na Europa, Raimundo José da Silva volta formado para o Brasil, que vem regressar à cidade de São Luís para rever seu tutor e tio, Manuel Pescada, liquidar a herança deixada pelo falecido pai e tentar descobrir algo sobre seus pais, de seu nascimento, de sua mãe, enfim de suas raízes que até então nada sabia sobre sua história passada. Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro se não fosse os grandes olhos azuis, que puxara do pai, cabelos pretos, lustrosos e crespos, pele morena e amulatada, mas fina, dentes claros, bigode negros, alto e elegante, pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa.

Raimundo nasceu numa fazenda e foi no batismo que ele e sua mãe receberam a carta de alforria, José da Silva cuidava muito bem da amante e do filho. A criança foi levada para a Europa porque seu pai se casara com dona Quitéria Inocência de Freitas, esta não aceitava os escravos e só o fato de não serem brancos já era um crime e percebendo que José tinha muito cuidado com os dois, fica muito apreensiva e diz então que não aceitava o garoto na fazenda nem mais um dia.

Assim, José decide retirá-lo da fazenda para que nada de ruim lhe acontecesse, mas enquanto ele foi tomar providências para o garoto, Quitéria maltratou e judiou muito de Domingas, colocando-a nua no tronco e queimando suas partes genitais com ferro em brasa, e o filho, com apenas três anos de idade, vendo todas as atrocidades cometidas com a mãe. Então, José leva o menino para a casa do irmão Manuel e lhe recomenda que o envie para a Europa.

José quando retorna à fazenda encontra Quitéria traindo-o com o Padre Diogo, o mesmo que batizou Raimundo, então num ataque de raiva avança sobre ela e a mata, na frente do padre. Após o acontecido fazem um pacto de acobertarem os absurdos cometidos, como são ambos culpados. Depois de algum tempo José Pedro da Silva é assassinado e aos poucos o padre Diogo começa a frequentar a casa de Manuel Pescada, passando a influenciar os acontecimentos e as pessoas na casa de Manuel.

Raimundo, ao voltar da Europa, foi bem recebido pela família do tio Manuel e logo começa a despertar as atenções das moças, mas em especial de sua prima Ana

Rosa que em certo momento, declara todo o seu amor pelo jovem primo que passa a interessar-se também pela prima, mas esse amor vem enfrentar muitos obstáculos.

O pai de Ana Rosa desejava que ela fosse casada com o seu caixeiro Luís Dias; a avó da menina, Maria Bárbara, que é uma senhora muito racista e não gosta de Raimundo; o padre Diogo, que agora virou cônego, e não gosta do rapaz pelo o fato dele ser filho de José, sendo este, segundo o cônego, o causador de tudo que aconteceu com José.

Todas as pessoas da cidade sabiam do passado de Raimundo, que era é filho de uma escrava, mas o jovem ainda desconhecia o seu passado. Em dado momento da narrativa, quando estava visitando a fazenda deixada a ele pelo pai e onde nascera, Raimundo decide pedir Ana Rosa em casamento a Manuel Pescada, mas seu pedido é negado. Raimundo então passa a questionar, procurando entender o porquê não foi aceito, durante o percurso, o rapaz começa a descobrir a sua origem e insistindo ao tio para que aceite o pedido de casamento, o tio Manuel decide contar-lhe toda a verdade, que o motivo é por causa da cor de sua pele, de sua hereditariedade, não podia dar sua filha ao casamento com um filho de escrava, alforriado à pia do batismo.

Raimundo, então, passa a conhecer os detalhes de sua origem, mas continua ainda a desejar o seu casamento. Ana mesmo sabendo da origem do jovem não se importa e deseja casar-se como moço, pois este era o seu amor, lembrava-se do que sua mãe lhe dissera no leito de morte. Ana Rosa se entrega a ele e engravida.

De volta a São Luís, depois da viagem, Raimundo muda-se da casa do tio e decide ir embora da cidade, confessando todo o seu amor em carta à Ana Rosa, mas acaba não viajando.

Deste modo, Raimundo e Ana Rosa fazem um plano de fuga, combinam tudo através de cartas, mas Luís Dias instruído pelo cônego Diogo consegue pegar a carta que marcava a fuga, descobrindo assim o plano dos jovens e impedindo-os. Ana Rosa assume perante todos que está grávida e exige que desta forma aceitem o casamento, porém o cônego interfere na situação e pede para que todos tenham calma.

O cônego manipula Luís Dias, mostrando a ele que Raimundo é o único obstáculo para o seu casamento com Ana Rosa, convencendo-o assim de eliminar Raimundo do seu caminho. Então, quando Raimundo voltava desolado para casa é assassinado, pelo caixeiro Dias, ao abrir a porta de casa com um tiro pelas costas, com um revólver que o cônego Diogo lhe emprestou.

Ana Rosa quando vê o corpo do seu amado, fica desesperada e desmaia, deixando um rastro de sangue, dando assim a ideia de que perdeu a criança que esperava de Raimundo. Então, têm-se um corte de tempo na narrativa onde volta-se dizendo que seis anos se passaram, assim aparece no romance Ana Rosa casada com Luís Dias, mãe de três filhos, em que parecem levar uma vida muito feliz, aproveitando-a tranquilamente.

4.1.2 O Espaço do Mulato na Obra

O estudo de Mérian (1988), ressalva que Azevedo, apontando a questão da escravidão na cidade de São Luís do Maranhão, não faz uma discussão na obra “O Mulato” a respeito da escravidão e da condição que o escravo tem. O autor busca apenas mostrar alguns trabalhos, como no porto, nas fazendas de Maria Bárbara, do garoto que ajuda na casa de Manuel Pescada, dando assim uma ideia ao leitor de como é o trabalho dos escravos e mestiços do período, como na passagem:

Era um dia abafadiço e aborrecido. A pobre cidade de São Luís do Maranhão parecia entorpecida pelo calor. Quase que se não podia sair à rua: as pedras escaldavam; [...] e os aguadeiros, em mangas de camisa e pernas arregaçadas, invadiam sem-cerimônia as casas para encher as banheiras e os potes. Em certos pontos não se encontrava viva alma na rua; tudo estava concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho [...] Os corretores de escravos examinavam, à plena luz do sol, os negros e moleques que ali estavam para ser vendidos; revistavam-lhes os dentes, os pés e as virilhas; faziam-lhes perguntas sobre perguntas; batiam-lhes com a biqueira do chapéu nos ombros e nas coxas, experimentando-lhes o vigor da musculatura, como se estivessem a comprar cavalos (AZEVEDO, 1994, p.20).

O escritor da obra “O Mulato” ainda faz uma abordagem da escravidão do ponto de vista de senhores e de escravos, em que os donos de escravos encaravam todo o processo de escravidão como algo necessário, que viam o negro como um ser preguiçoso, ladrão, um exemplo lastimável para a família e para quem tivesse contato com qualquer ser de cor escura, pois para a elite o escravo não era um ser puro, que não tinha índole e moral para agir no convívio social com os brancos.

As questões que apontavam para os possíveis malefícios que os escravos causavam para as famílias da sociedade no período podem ser reforçadas pela opinião de seres humanos que acreditavam ser necessário evitar o desmoronamento da estrutura escravista e econômica a abolição ocorresse de forma lenta e gradativa, para

que, desta forma, os proprietários fossem acostumando com o novo modo de viver, de trabalhar que estava sendo colocado aos poucos.

No romance, pode-se observar que os escravos mostrados têm comportamento psicológico quanto aos seus relacionamentos com outros, e conseqüentemente social, somente quando estão com alguma ligação dentro dos acontecimentos do romance com os brancos. Por exemplo, as escravas Mônica que é a ama-de-leite de Ana Rosa e Domingas que é mãe de Raimundo, são personagens que não existem para si mesmo, mas sim em função de algum branco.

E entre outros personagens da obra também não se tem nenhum que venha a dizer o que pensa a respeito de alguma situação ou de alguém, assim como também não tem nenhum escravo que defendesse a causa da abolição da escravatura em prol deles mesmos. Então, dessa forma, nota-se que mesmo o autor estando envolvido com a abolição, não fez uma obra que cobrasse isso das pessoas ou tentasse mostrar a escravidão aos leitores, de forma que estes tivessem um comprometimento com a abolição.

A comercialização dos escravos é mostrada, de acordo com a descrição que o autor faz dos mercados de escravos, e da forma que eram observados e escolhidos pelos compradores:

Os corretores de escravos examinavam, à plena luz do sol, os negros e moleques que ali estavam para ser vendidos; revistavam-lhes os dentes, os pés e as virilhas; faziam-lhes perguntas sobre perguntas; batiam-lhes com a biqueira do chapéu nos ombros e nas coxas, experimentando-lhes o vigor da musculatura, como se estivessem a comprar cavalos (AZEVEDO, 1994, p.20).

Nesta passagem, pode-se notar como tudo acontecia no momento da compra dos escravos, em que não se tinham respeito com o negro, era tratado como um animal próprio para o serviço, olhando a saúde do negro para o ofício pesado o qual teria que fazer no decorrer de sua vida para o seu senhor.

Os castigos dos negros são mostrados no romance com muita realidade, com detalhes que podem fazer o leitor imaginar e sentir remorso, dor do que é descrito, devido à tragicidade da cena, como acontece na passagem em que Quitéria dá o castigo à negra Domingas:

Estendida por terra, com os pés no tronco, cabeça raspada e mãos amarradas para trás, permanecia Domingas, completamente nua e com as partes genitais queimadas a ferro em brasa. Ao lado, o filhinho de três anos gritava como um possesso, tentando abraçá-la, e, cada vez que ele se aproximava da mãe, dois negros, a ordem de Quitéria, desviavam o relho das costas da escrava para dardejá-lo contra a criança. A megera, de pé, horrível, bêbada de cólera, ria-se, praguejava obscenidades, uivando nos espasmos flagrantes da cólera. Domingas, quase morta, gemia, estorcendo-se no chão. O desarranjo de suas palavras e dos seus gestos denunciava já sintomas de loucura (AZEVEDO, 1994, p. 45).

Com essa descrição, o autor dá um testemunho histórico com base em uma realidade vivida em uma época de escravidão. Além de mostrar esse fato histórico, Azevedo ainda tenta olhar para esses fatos, analisando pontos sociais dos escravos, em que se pode atentar para as questões morais que os escravos sofrem com essas exposições diante da sociedade, provocando assim a sensibilidade dos sentimentos nos leitores.

Em “O Mulato”, nota-se que os escravos mostrados aceitam a condição de submissão e são obedientes às ordens de seus senhores, mas como se sabe os escravos não tem todo esse instinto de bondade e submissão, podendo desenvolver diferentes formas táticas de resistência quanto aos serviços e ordens de seus superiores.

Na cidade de São Luís e demais localidades escravistas, foram muitas as fugas de escravos para quilombos ou para outros lugares a fim de ficarem livres do sofrimento imposto a eles pelo serviço, porém, Aluísio, em seu livro, mostra uma visão contrária dos quilombos, como observa-se no trecho:

Não é tão infundado aquele terror: o sertão da província está cheio de mocambeiros, onde vivem os escravos fugidos com suas mulheres e seus filhos, formando uma grande família de malfeitores. Esses desgraçados, quando não podem ou não querem viver da caça, que é por lá muito abundante e de fácil venda na vila, lançam-se à rapinagem e atacam na estrada os viajantes, travando-se, às vezes, entre uns e outros, verdadeiras guerrilhas, em que ficam por terra muitas vítimas (AZEVEDO, 1994, p.50).

Diante dessa situação, Aluísio de Azevedo coloca-se com a visão de que os quilombos são os recursos que os negros têm para as suas fugas e que são malfeitores, que não conseguem fazer outra coisa a não ser roubar e caçar.

Nesta visão, Azevedo tem a ideia implícita da sociedade, a qual acreditava que os escravos fugiam por não ter nenhum interesse pelo trabalho, restando assim o crime e perambulação, com isso pode-se notar a mentalidade coletiva maranhense em que

os escravos de forma preconceituosa diante desses fatos de fuga e procura de uma melhor situação de vida.

Por outro ponto, Aluísio tenta mostrar que a escravidão é algo imposto pelo o homem branco, sendo que deveria ser resolvido pelos os próprios, que em certo momento iniciaram esse processo e fizeram esse ponto de intriga e injustiça entre os próprios homens de um mesmo mundo.

Pode-se ser observado na obra, que o autor não coloca os escravos como membros participantes da abolição, mas vem sempre tentando abordar as questões da escravidão e do preconceito que os mestiços livres sofriam devido à cor da pele, evidenciando, através da vida de personagens, a sociedade da época, buscando, intencionalmente ou não, mostrar as consequências desse processo que marcou a História Brasileira.

4.1.3 Evidências Históricas e Literárias em “O Mulato”

A história da sociedade é fundada em cima da população, sendo que os de maior poder aquisitivo atuam sobre os menos favorecidos pela sociedade. É nesse ambiente social que ocorrem fatos marcantes os quais mudam a vida dos seres humanos envolvidos, pois é no ambiente social que tudo acontece, onde estão todos envolvidos direta e indiretamente com o meio, ou seja, o ambiente físico. Esse contato pode influenciar e determinar as ações dos seres humanos na vida cotidiana.

A vida acontece no meio social, em um ambiente, sendo que este pode ser um grande determinante sobre o homem, e, é o homem que faz com que os fatos aconteçam de algum modo, ficando assim influenciados pelo meio físico.

Com isso, muitos escritores retratam a realidade e, depois de algum tempo, os críticos tornam esses escritos em literatura, caracterizando-os em especificidades de cada período literário, assim como se conhece hoje em estudos. As manifestações da vida social é a realidade que se vive, fazendo do real um fato que em sua literariedade vem se configurar na literatura. Deste modo, os autores que buscam a retratação do real “procuram mostrar as íntimas ligações existentes entre a manifestação literária e o meio social” (SODRÉ, 1982, p. 3).

Diante disso, nota-se, em obras literárias, algumas evidências históricas que encaixadas na literariedade da narrativa torna-se uma literatura, na qual percebe-se esses fatos com tal realidade, que pode ser intencional ou não do escritor, que a

população de uma determinada época vivenciou, e que na atualidade pode-se ter como uma volta a alguns fatos da História Brasileira, como é caso dos negros escravizados e mestiços na obra “O Mulato”, que mesmo não sendo uma narrativa que dá enfoque principal à história dos escravos, tem-se em algumas passagens amostras de tal realidade ocorridas na cidade de São Luís do Maranhão.

Era um dia abafadiço e aborrecido. A pobre cidade de São Luís do Maranhão parecia entorpecido pelo calor. Quase que se não podia sair à rua: as pedras escaldavam; as vidraças e os lampiões faiscavam ao sol como enormes diamantes; as paredes tinham reverberações de prata polida; as folhas das árvores nem se mexiam; as carroças de água passavam ruidosamente a todo instante, abalando os prédios; e os aguadeiros, em mangas de camisa e pernas arregaçadas, invadiam sem-cerimônia as casas para encher as banheiras e os potes. Em certos pontos não se encontrava viva alma na rua; tudo estava concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho (AZEVEDO, 1994, p. 20).

De acordo com Azevedo, a cidade de São Luís tinha uma rotina dependente dos serviços dos negros, sendo eles os seres que ajudavam na organização e desenvolvimento do dia a dia da população. E estes não tinham valor para outra coisa diante dos brancos, então o que tinha a ser feito era aceitar aquela condição de vida que lhes eram dadas.

Quanto à passagem acima em que fala sobre o trabalho escravo, os estudiosos Douglas Libby e Eduardo Paiva apontam em seu livro “A escravidão no Brasil” em que os negros:

Eram carregadores, estivadores, barqueiros, pescadores, músicos e vendedores. Escravos e escravas prestavam-se a todo tipo de serviço doméstico e trabalhavam em todos os ofícios artesanais, como aprendizes ou ajudantes e mesmo como mestres (LIBBY; PAIVA, 2000, p.27).

Desta forma, evidencia-se à História na Literatura brasileira, pois nas passagens tem-se o apontamento que os negros é que faziam os mais diversos serviços, ficando todo processo de trabalho para os escravos. Também, é possível notar no livro, trechos que abordam a comercialização dos escravos, como no seguinte:

A escravidão foi uma instituição social de trabalho compulsório, na qual o próprio trabalhador era uma mercadoria (comprado e vendido, alugado, emprestado, penhorado, doado, leiloado). Isso significa que não havia escravo sem proprietário e que, naturalmente, o senhor de escravos ocupava um lugar de destaque especial na sociedade escravista. Normalmente, os negócios eram realizados através de leilões promovidos nos mercados de escravos que marcavam a paisagem urbana do período (LIBBY; PAIVA, 2000, p.7-17).

Quanto ao comércio de escravos, tem-se na obra “O Mulato”, uma passagem que retrata a forma de comercialização destes, indicando que os corretores não se atentavam que estavam a comercializar seres humanos, fazendo essa comercialização como se fosse uma mercadoria qualquer e deixando negociar seres humanos.

Os corretores de escravos examinavam, à plena luz do sol, os negros e moleques que ali estavam para ser vendidos; revistavam-lhes os dentes, os pés e as virilhas; faziam-lhes perguntas sobre perguntas; batiam-lhes com a biqueira do chapéu nos ombros e nas coxas, experimentando-lhes o vigor da musculatura, como se estivessem a comprar cavalos (AZEVEDO, 1994, p.20).

O modo dos brancos tratarem os negros não tinha um mínimo de respeito, de igualdade no tratamento destes como seres humanos, estes eram considerados como animais, que não tem sentimento, seres irracionais. Nessa época, os negros só serviam para o trabalho escravo.

Deste modo, entende-se que historiadores e literários apresentam formas distintas de trabalharem com o real, considerando a visão objetiva da História e a subjetividade da Literatura, estando à diferença na visão que estes têm dos acontecimentos do mundo, segundo as palavras de Decca (1997).

Sidney Chalhoub, em sua obra “Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte”, traz a questão da negociação dos escravos como um caso de difícil entendimento ao leitor da atualidade, que já não convive com tal fato, com isso busca compreender um pouco mais sobre os escravos em negociação, como se pode notar.

Para o leitor de hoje em dia, a possibilidade de homens e mulheres serem comprados e vendidos como uma outra mercadoria qualquer deve ser algo, no mínimo, difícil de conceber. A primeira sensação pode ser de simples repugnância, passando em seguida para a denúncia de um passado marcado por arbitrariedades desse tipo. Com efeito, um pouco de intimidade com os arquivos da escravidão revela de chofre ao pesquisador que ele está lidando com uma realidade social extremamente violenta: são encontros cotidianos com negros espancados e supliciados, com mães que têm seus filhos vendidos a outros senhores, com cativos que são ludibriados em seus constantes esforços para a obtenção da liberdade [...] (CHALHOUB, 2011, p.40).

Com isso, observa-se que Chalhoub evidencia algo que, ao ler o livro, o leitor passará, possivelmente, a compreender a história do escravo com certa denúncia do passado através da Literatura, visto que a realidade pode se tornar literatura a partir do momento que se tem a literariedade, mas lembrando que pelo o fato de ser estar na literatura não precisa ser algo comprovado e, na História tem sim a necessidade de

comprovação diante de fontes referentes ao real, ao que está sendo apontado. Ficando, portanto, a Literatura e a História beneficiadas pelo mesmo fato, mas com olhares diferentes, pelo escritor e também ao leitor.

Desta forma, tem-se a Literatura como uma forma representativa da História, com uma visão que vem apontar, mostrar a problematização do passado. Tendo hoje obras históricas que podem ser utilizadas como uma volta ao passado, através do reviver literário. Na obra a personagem que demonstra ser muito preconceituosa é dona Maria Bárbara, a qual não tem paciência com os seus criados, como se pode notar na narração:

Era uma fúria! Uma víbora! Dava nos escravos por hábito e por gosto; só falava a gritar e, quando se punha a ralar, Deus nos acuda, incomodava toda a vizinhança! Insuportável! Maria Bárbara tinha o verdadeiro tipo das velhas maranhenses criadas na fazenda. Tratava muito dos avós, quase todos portugueses; muito orgulhosa; muito cheia de escrúpulos de sangue. Quando falava nos pretos, dizia “Os sujos” e, quando se referia a um mulato, dizia “O cabra”. Sempre foi assim e, como devota, não havia outra coisa. Em Alcântara tivera uma capela de Santa Bárbara e obrigava a sua escravatura e rezar aí todas as noites, em coro, de braços abertos, às vezes algemados. [...] Quando a filha foi pedida por Manuel Pedro, então principiante no comércio da capital, ela dissera: “Bem! Ao menos tenho a certeza de que é branco!” (AZEVEDO, 1994, p.23).

Deste modo, o narrador do livro caracteriza a personagem Maria Bárbara, que pode ser o tipo representativo de muitos na realidade. No trecho tem-se a marca que esta não tinha consideração com os escravos e mestiços, mesmo no que o narrador dizia que ela era muito religiosa nota-se que colocava os escravos para rezarem, mas não aparece que a própria professe sua religiosidade na capela.

Na obra, também se nota que personagens, como o cônego Diogo é preconceituoso quanto à hereditariedade do rapaz Raimundo, pois na casa de Manuel Pescada quando ficam sabendo que o jovem estava chegando, o padre começa a criticá-lo a Manuel.

Até lhe digo mais... Nem precisava cá vir, porque... - continuou Diogo, abaixando a voz - ninguém aqui lhe ignora a biografia; todos sabem de onde saiu! [...] Ora deixe-se disso! - retrucou Diogo, levantando-se com ímpeto. Nós já temos por aí um padre de cor! [...] E no fim de contas estão se vendo, as duas por três, superiores mais negros que as nossas cozinheiras! (AZEVEDO, 1994, p.32-33).

Com essa passagem da obra tem-se a comprovação de que a questão racial existe desde muito tempo, independente do tipo da pessoa, pois como se tem a

exemplificação vê-se o quanto o padre tinha rejeição aos seres negros, mestiços, quanto hereditariedade das pessoas, e nota-se também o quanto o cônego tentava e influenciava as pessoas da época.

Quanto à alforria de Domingas e Raimundo, o autor aborda a questão da liberdade conquistada no momento do batismo, através do filho que teve como o senhor José.

Depois de vários abortos, Domingas deu à luz um filho de José da Silva. Chamou-se o vigário da freguesia e, no ato do batismo da criança, esta, como a mãe, receberam solenemente a carta de alforria. Essa criança era Raimundo (AZEVEDO, 1994, p.44).

Deste modo, pode-se dizer que o nascimento do filho de Raimundo com a escrava foi um fato determinante para a sua alforria, a qual, desse modo, conseguiu sua libertação do mundo escravista em que vivia. O mesmo assunto é tratado no livro “A escravidão no Brasil”.

Com efeito, essas ligações amorosas entre escravas e senhores provavelmente foram responsáveis pelo fato de a alforria feminina ter sido mais comum que a masculina. [...] Os libertos eram rotulados de forros ou alforriados⁴, e esse rótulo os marcava como cidadãos de categoria inferior, de origem escrava. Mesmo assim, os escravos desejavam o título de forro, pois qualquer título era preferível ao de cativo (LIBBY; PAIVA, 2000, p.45).

Assim sendo, a alforria para os seres humanos escravizados da época não era fácil de conseguir, mas as mulheres de algum modo eram favorecidas pela sua condição de “ser feminino”. Os escritores ainda abordam o fato do título de forro ser melhor e mais cobiçado do que ser um cativo pelo resto da vida.

A diversificação e à versatilidade do trabalho escravo corresponde a complexidade das relações sociais que sustentavam e reproduziam o sistema escravista. Essas relações sociais baseavam-se na disciplina do trabalho e, para garantir a obediência dos escravos, os senhores usavam muitas vezes o castigo, particularmente o físico. Em geral, os castigos eram aplicados diante de todos os outros escravos para servir de exemplo aos que pretendiam desobedecer às ordens de seus proprietários. O uso de instrumentos de tortura era comum, e os escravos sofriam injustiças e humilhações, além de mutilações físicas e problemas psicológicos. Em vários casos, morreram em consequência dos castigos. Não há, portanto, como negar a natureza violenta da escravidão (LIBBY; PAIVA, 2000, p.38-39).

Portanto, os castigos aplicados aos escravos eram formas de punição para os que não cumpriam as ordens dos senhores. Os donos dos escravos não tinham receio de castigá-los da forma mais cruel possível, pois o castigo servia de lição aos outros

escravos. Os castigos também são mostrados com uma descrição minuciosa em “O Mulato”, a fim de fazer que o leitor possa imaginar a tragicidade da cena, como ocorre na passagem onde Quitéria dá o castigo a Domingas:

Estendida por terra, com os pés no tronco, cabeça raspada e mãos amarradas para trás, permanecia Domingas, completamente nua e com as partes genitais queimadas a ferro em brasa. Ao lado, o filhinho de três anos gritava como um possesso, tentando abraçá-la, e, cada vez que ele se aproximava da mãe, dois negros, a ordem de Quitéria, desviavam o relho das costas da escrava para dardejá-lo contra a criança. A megera, de pé, horrível, bêbada de cólera, ria-se, praguejava obscenidades, uivando nos espasmos flagrantes da cólera. Domingas, quase morta, gemia, estorcendo-se no chão. O desarranjo de suas palavras e dos seus gestos denunciava já sintomas de loucura (AZEVEDO, 1994, p. 45).

Com essa descrição, o autor dá um testemunho histórico, dentro da Literatura, com base em uma realidade vivida no momento da escravidão. Aluísio, dessa forma, pode transmitir aos leitores a visão dos fatos e humilhações sofridas por escravos, confirmando o que os escritores Douglas Libby e Eduardo Paiva apontam na passagem acima, a humilhação moral diante da sociedade, provocando através da literariedade a sensibilidade dos sentimentos do público leitor.

Ainda é possível observar, no livro, o quanto o membro da igreja da época, o cônego Diogo, compadre de Manuel, influenciava na vida das pessoas, como na passagem em que o cônego tenta fazer de tudo para que a menina desista do mulato.

Manuel, soprado pelo compadre, indispunha mais e mais o ânimo da filha contra o mulato; contando-lhe a respeito deste, fatos revoltantes, inventados pelo cônego; fazia-se agora muito meigo ao lado dela, submetia-se aos seus caprichos, às suas vontadezinhas de menina doente, com a compungida solicitude de um bom enfermeiro (AZEVEDO, 1994, p. 164-165).

Aproveitando essa linha de pensamento para mostrar mais um fato que os membros da igreja cometiam tem-se o apontamento na obra da ocorrência do não cumprimento das leis que foram surgindo em benefício do escravo.

Lembrar-se de que ainda nasciam cativos, porque muitos fazendeiros, apalavrados com o vigário da freguesia, batizavam ingênuos⁵ como nascidos antes da lei do ventre livre!... lembrar-se que a consequência de tanta perversidade seria uma geração de infelizes, que teriam de passar por aquele inferno em que ele agora se debatia vencido! E ainda o governo tinha escrúpulo de acabar por uma vez com a escravatura; ainda dizia descaradamente que o negro era uma propriedade, como se fosse um roubo, por ser comprado e revendido, em primeira mão ou em segunda, ou em milésima, deixasse por isso de ser um roubo para ser uma propriedade! (AZEVEDO, 1994, p. 171).

Assim, com essas duas passagens, é possível perceber o quanto os membros envolvidos na igreja, tinham o poder de persuasão na vida das pessoas, tentando fazer a escolha do caminho a ser seguido por estas, como é mostrado nas passagens acima e durante toda a narrativa, em que padres sempre tomam algumas atitudes para fazer as coisas saírem da forma que é aceito pela a sociedade ou da forma em que eles querem que seja, mostrando deste modo como os padres vão se tornando homens inescrupulosos e pode-se dizer hipócritas, que usam a religião para oprimir as pessoas da época. E ainda no mesmo assunto Douglas Libby e Eduardo Paiva apontam questões voltadas para a liberdade desejada dos escravos, mesmo que:

Muitas vezes, entende-se a propensão dos senhores de escravos brasileiros a libertar seus cativos como prova da benevolência do sistema no Brasil. É verdade que a cobiçada alforria poderia resultar de um gesto sincero de generosidade por parte de um senhor bondoso. No entanto, esse gesto parece ter sido a exceção, pois quando é possível estudar e reconstruir as pequenas histórias de libertação descobrimos que elas são cheias de enormes esforços por parte dos escravos. Além de trabalhar muito, eles tentavam demonstrar atenção e submissão constantes a seus senhores, mesmo que, no íntimo, apenas representassem aquele papel, com fazem os atores. No caso das mulheres escravas, essas histórias incluíam, frequentemente, o esforço de dar à luz filhos dos seus senhores. Assim, às vezes, enquanto mães de herdeiros do senhor, elas conseguiam a própria além da de seus filhos (LIBBY; PAIVA, 2000, p. 44-45).

Portanto, segundo os escritores, os donos de escravos podiam dar a liberdade aos escravos como forma de generosidade, mas isso não acontecia sempre, o escravo que muito lutar para conquistar a sua alforria, mesmo com o amparo da lei, às vezes isso não era fácil de conseguir tornando-se a gravidez para as mulheres um meio possível de conquistar a sua liberdade e do filho.

Mais uma vez, o preconceito aparece fortemente na obra, agora pelo personagem Manuel Pescada, isso pelo fato de Raimundo ter pedido Ana Rosa em casamento a ele, mas não foi aceito o pedido do jovem devido ser filho de uma escrava, sendo que a justificativa para tal coisa é família.

Tire-me, por uma vez, deste maldito inferno da dúvida! Declare-me o segredo de sua recusa, seja qual for, ainda que uma revelação esmagadora! [...] se sabe alguma coisa dos meus antepassados e do meu nascimento, conte-me tudo! [...] E o senhor promete não se revoltar com o que eu disser? [...] Juro. Fale! [...] Recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é... é filho de uma escrava... Eu?! O senhor é um homem de cor!... Infelizmente essa é a verdade... [...] Já vê o amigo que não é por mim que lhe recusei Ana Rosa, mas é por tudo! A família de minha mulher sempre foi muito escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão! Concordo que seja uma asneira; concordo que seja um prejuízo tolo! O senhor porém não imagina

o que é por cá a prevenção contra os mulatos!... Nunca me perdoaria um tal casamento; além do que, para realizá-lo, teria de quebrar a promessa que fiz a minha sogra, de não dar a neta senão a um branco de lei, português ou descendente direto de portugueses!... O senhor é um moço muito digno, muito merecedor de considerações, mas... foi forro à pia, e aqui ninguém ignora. Eu nasci escravo?!... Sim, pesa-me dizê-lo e não se a isso fosse constrangido, mas o senhor é filho de uma escrava e nasceu também cativo (AZEVEDO, 1994, p.154).

Desta forma, nota-se o quanto as questões raciais eram refletidas dentro da sociedade, na família que era muito cuidadosa para que não se misturasse o ser de cor no lar português, tendo que se preservar o sangue português que era considerado digno e puro. Ao ser negado o pedido de casamento, Raimundo quer saber o motivo de não ter sido aceito, sendo neste momento que Manuel vem a falar toda a verdade que o jovem tanto procurava saber no decorrer de toda a sua vida.

Portanto, a explicação que Manuel dá ao moço inclui os seus motivos, o da família e da sociedade, cheias de escrúpulos quanto à cor e hereditariedade do ser humano. Sendo assim uma forma de preconceito quanto à herança que este e outros seres humanos da época possuíam e que não eram bem aceitos dentro do convívio da social e nas relações pessoais durante a vida.

Seguindo essa mesma linha, tem-se um trecho em que a sogra de Manuel aparece falando a respeito do assunto, com a neta e o genro, mostrando que não aceita a junção de Ana Rosa e Raimundo, que prefere ver a neta morta ou morrer primeiro a ter que vê-la casada com um homem de cor.

Parece que ficaste meio sentida com o que se passou!... Pois olha, se tivesse de assistir ao teu casamento com um cabra, juro-te, por esta luz que está nos alumando, que te preferia uma boa morte, minha neta! Porque serias a primeira que na família sujava o sangue! [...] E só peço a Deus que me leve, quanto antes, se tenho algum dia de ver, com estes olhos que a terra há de comer, descendente meu coçando a orelha com o pé! Mas creia, seu Manuel, que, se tamanha desgraça viesse a suceder, só a você a deveríamos, porque, no fim das contas, a quem lembra meter em casa um cabra tão cheio de fumaça como tal doutor das dúzias⁶?... Eles hoje em dia são todos assim!... Dá-se-lhe o pé e tomam a mão!... Já não conhecem o seu lugar, tratantes! Ah, meu tempo! Meu tempo! Que não era preciso estar cá com discussões e políticas! Fez-se besta? Rua! A porta da rua é a serventia da casa! E é o que você deve fazer, seu Manuel! Não seja pamonha! Despeça-o por uma vez para o Sul, com todos os diabos do inferno! E trate de casar sua filha com um branco com ela. Arre! (AZEVEDO, 1994, p. 165).

Com isso, nota-se que a sogra de Manuel não economiza as palavras para tratar do assunto a respeito do pedido de casamento, mostrando-se assim cheia de preconceito quanto à cor do jovem, que mesmo este sendo livre não é aceito devido à

herança genética que possui, fazendo uso de palavras carregadas de pessimismo ao ter que ver a união dos jovens que se amam.

Portanto, esses fatos históricos e literários servem como amostra de como a realidade é trabalhada pelas diferentes áreas de conhecimentos, mas podendo ter o mesmo foco quanto aos temas utilizados, trabalhando com linguagens diferentes, veracidade e ficção, e não perdendo a importância do assunto trabalhado pelos escritores literários e historiadores.

5 CONCLUSÃO

No presente trabalho, foi possível mostrar o quanto a Literatura é importante para vida do ser humano, pois esta pode propiciar aos leitores o contato com uma problematização ocorrida na sociedade de algum período passado, podendo estimular o leitor para a reflexão e aprofundamento de assuntos passados. Esta é uma forma de sensibilizar o público trazendo fatos que irão aguçar e enriquecer a inteligência destes a cada contato com obras literárias, visto que estas podem de algum modo representar o contexto e características que foram escritas.

Portanto, ressalta-se que a Literatura pode estimular o público a posicionamentos quanto a questões fundamentais da História, fazendo uma conexão da Literatura e da História, estabelecendo nesta pesquisa, a ligação que possuem para o conhecimento de fatos que marcaram a realidade dos seres humanos, sendo possível observar aspectos da realidade histórica, através de romances históricos que trazem um pouco dos fatos que, de algum modo, influenciaram o autor na construção da narrativa. Assim como a obra “O mulato” de Aluísio Azevedo, sendo uma obra que abrange a questão racial em seu enredo, mostrando através do amor de Ana Rosa e Raimundo, devido à hereditariedade do rapaz, a discriminação que este sofreu durante toda a sua vida e o quanto as pessoas eram escrupulosas quanto às questões raciais dos seres humanos, percebendo através de alguns personagens, como Dona Maria Bárbara. Foi realizada uma retrospectiva do período Realista-Naturalista, caracterizada assim pelos críticos literários da época, afim de que se possa compreender o período que a obra foi escrita.

Também houve a observação da vida de Aluísio Azevedo na infância e na adolescência, em que foi possível analisar fatos que de algum modo influenciaram na decisão do autor de trabalhar como temas que podem refletir a realidade de uma sociedade. Considerando que a obra foi escrita e ambientada na sociedade de São Luís do Maranhão, fazendo-se assim a alusão desta cidade na década de 1880, década que foi escrita a obra, e em que também foi possível mostrar um pouco da situação dos escravos na cidade após 1871, época do surgimento da Lei do Ventre Livre.

Com esses apontamentos, conseguiu-se realizar um resumo, fazendo com que o leitor do trabalho tenha um breve conhecimento do enredo, enfatizando como o mulato é colocado dentro da narrativa literária e, posteriormente, chegou-se à parte

final, tão esperada do trabalho, pois é nesta que fez-se a comprovação de evidências Históricas e Literárias dentro da obra “O Mulato”, sendo possível comparar como os historiadores e literários trabalham com o mesmo assunto, sem perder o foco, mas com tratamentos diferentes quanto à linguagem.

Desse modo, a Literatura trabalhada é um exemplo de reflexão sobre os mais importantes aspectos do comportamento do ser humano e da vida social, permitindo assim um diálogo com outras áreas do conhecimento para uso do ser humano, sendo que o valor educativo da Literatura está no aprendizado que pode proporcionar para a humanidade.

Enfim, esta pesquisa teve como foco principal investigar através da Literatura, da História, de fatos que influenciaram o autor e a construção da narrativa, os aspectos sociais dos anos finais da escravidão no Brasil, mostrando isso através da obra “O Mulato”, de Aluísio Azevedo, no intuito de evidenciar os aspectos Históricos e Literários, as questões raciais e de hipocrisia da população da época, no romance que proporcionou um vasto conhecimento contextual da história dos escravos e mestiços. Portanto, pode-se dizer que o livro, hoje, é uma forma de apresentar o passado, mostrando as classes sociais que sofriam as injustiças na sociedade de São Luís do Maranhão.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. São Paulo: Ed. Moderna, 1994.
- CANDIDO, Antônio. **O direito a literatura**. São Paulo: duas cidades, 1995.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, J. Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: história e antologia**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravatura no Brasil**. ed. liv. Brasileira: Rio de Janeiro, 1975.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil: Era realista/Era de transição**. 4. ed. rev. E atual. São Paulo: Global, 1997.
- DECCA, Edgar de. O que é romance histórico? Ou, devolvo a bola pra você, Hayden White. In: **Gêneros de fronteira - cruzamento entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997.
- FIGUEIREDO, Vera Follain de. **O romance histórico contemporâneo na América Latina**. Rio de Janeiro: Revista Brasil de literatura, 1997.
- JATAHY, Sandra. **O Imaginário da Cidade: Visões Literárias do Urbano**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.
- LIBBY, Douglas Cole; PAIVA, Eduardo França. **A escravidão no Brasil: relações sociais, acordos e conflitos**. São Paulo: Moderna, 2000.
- LIMA, Carlos de. **A escravidão no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- LUKÁCS, Georg. **The Historical novel**. New York: Penguin Books, 1969.
- MARCONI, M.A. E LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostra e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2007.
- MARINHO, Maria de Fátima. **O romance histórico em Portugal**. Lisboa: Campo das letras, 1999.
- MARTINS, Patrícia; LEDO, Terezinha de Oliveira. **Manual de Literatura: literatura portuguesa, literatura brasileira**. São Paulo: DCL, 2001.
- MELLO, Ludmila Giovanna Ribeiro de. **Realidade ou criação? Um panorama sobre o romance histórico**. Ícone - Revista de Letras, São Luís de Montes Belos, v.2, p.123-135, julho 2008. Disponível em: <<http://www.slmb.ueg.br/iconeletras>>. Acesso:

MÉRIAN, Jean-Yves – Aluísio Azevedo, Vida e Obra (1857-1913): In SILVA, Susana Neves Tavares Bastos de Pinho. **O emigrante português em três romances de Aluísio Azevedo**. Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Literaturas Românicas. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2007.

MÉRIAN, Jean-Yves. Aluísio Azevedo: **vida e obra (1857-1913)**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo Banco Sudameris, 1988.

OLIVEIRA, Ana Maria. **A questão racial na obra “O Mulato” de Aluísio Azevedo**. Monografia apresentada ao curso de História. Universidade Federal do Maranhão, São Luís. 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. 7. ed. atualizada. São Paulo:Difel, 1982.

TUFANO, Douglas. **Estudos de literatura brasileira**. 5. ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. Moderna, 1995.

SILVA, Ledileia Pereira da.

O MULATO DE ALUÍSIO AZEVEDO: Uma análise temática social / Ledileia Pereira da Silva – Itaituba: FAI, 2018.

51 fls.:

Orientadora: Maria Danielle Lobato Paes

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba-FAI, 2018.

1. Literatura. 2. O Mulato. Paes, Maria Danielle Lobato. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2018.